

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
RENATA RODRIGUES FERNANDES

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DA MULHER
NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE: Uma análise a partir da
trajetória de Marielle Franco**

Taubaté-SP

2020

RENATA RODRIGUES FERNANDES

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DA MULHER
NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE: Uma análise a partir da
trajetória de Marielle Franco**

Monografia apresentada para obtenção do título de graduação pelo curso de Psicologia do Departamento de Biociências da Universidade de Taubaté, área de concentração: Psicologia Social, orientado pelo Prof. Dr. Régis de Toledo Souza.

Taubaté-SP

2020

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi Universidade de
Taubaté - UNITAU**

F363p Fernandes, Renata Rodrigues

O processo de formação de identidade da mulher negra na contemporaneidade: uma análise a partir da trajetória de Marielle Franco / Renata Rodrigues Fernandes. -- 2020.
70 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Régis de Toledo Souza, Departamento de
Psicologia.

1. Identidade. 2. Mulher negra. 3. Negritude. 4. Marielle Franco.
5. Psicologia Social. I. Universidade de Taubaté. Departamento de
Psicologia. Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 158.24

RENATA RODRIGUES FERNANDES

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA
CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE
MARIELLE FRANCO**

Monografia apresentada para obtenção do título de graduação pelo curso de Psicologia do Departamento de Biociências da Universidade de Taubaté, área de concentração: Psicologia Social, orientado pelo Prof. Dr. Régis de Toledo Souza.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cecília Pescatore Alves

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Assinatura: _____

Profa. Ma. Monique Marques da Costa Godoy

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Dedico este trabalho ao meu avô Antônio, uma pessoa que não tive o privilégio de conhecer, mas carrego fortemente em mim. Dedico também à minha mãe, uma mulher negra que inspirou fortemente a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Depois de tanto racionalizar para a construção de um trabalho acadêmico, permitir que as emoções falem neste momento traz um tom de estranheza, embora eu seja uma pessoa de todo emotiva. Por um lado, me deparo com a resistência frente ao encerramento deste ciclo e da construção deste trabalho. Por outro, reconheço que foi através dele que entrei em contato com a minha negritude e com todos os conflitos identitários nela presente – foi, de fato, uma imersão. Levando em consideração que vivemos em uma sociedade que coloca o negro em um lugar racializado, recalçando nossa subjetividade e, portanto, apagando nossa história, este trabalho foi o meio pelo qual eu pude compreender meus processos ao passo em que eles foram ocorrendo, podendo elaborar e significar experiências até então reprimidas.

Diante disso, gostaria de agradecer, carinhosamente, todas as pessoas que fizeram parte desse processo de alguma forma. Aos amigos que fiz e às pessoas que conheci durante o período de graduação, as quais me incentivaram e me possibilitaram diversas trocas, as quais marcaram (e continuam marcando) meu processo metamórfico rumo à emancipação; todas as pessoas negras que tive o prazer de conhecer e me aproximar, as quais possibilitaram, para mim, um lugar de pertencimento. Aos meus pais, irmão e toda a minha família que, felizmente, me apoiaram, não só nessa etapa, mas em tantas outras. Gostaria de agradecer também à uma pessoa que, sem intenção alguma, me questionou sobre a negritude e fez, pela primeira vez, que eu também me questionasse e buscasse compreender todos os significantes envolvidos. Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Régis de Toledo Souza que, desde o primeiro momento acolheu a temática com entusiasmo, me apoiando e dando liberdade para que eu pudesse tocar e ser tocada por toda construção teórica e sensível presente neste trabalho. E, por último, mas não menos importante, gostaria de fazer um agradecimento especial à mulher que possibilitou a construção deste trabalho, me inspirando, me ensinando e me emocionando incontáveis vezes durante todo o processo: Marielle Franco, eternamente presente.

"Preta, pinta
O mundo com seu tom
Que essa tua negra tinta
Fará brotar a cor nesta cidade cinza
Que tanto te negou, mas, ô, preta, pinta

Carta marcada e calada, infância tão sabotada
Pinta de arte amada, nessa cidade cercada de dor
Cor preta da pele, história que cê sabe de cor
Quem desconhece olha estranho e ainda sente dó
Eu tô cansada desse papo de quem sente dó
No fim das contas percebemos que ainda estamos só
Mas eu espero que essa força venha da união"

(BIA FERREIRA FEAT CARÚ BONIFÁCIO – NEGRA TINTA)

RESUMO

A formação de identidade é ressignificada ao passo em que o indivíduo entra em contato com o outro e com novas experiências, estando constantemente em um processo de construção e desconstrução. Diante deste movimento, se faz necessário o entendimento do processo como um todo. Partindo de tal concepção, este trabalho teve como foco a compreensão do processo de formação de identidade da mulher negra na contemporaneidade. No que diz respeito à metodologia, foi realizada uma análise de discurso a partir de fragmentos retirados de entrevistas que foram realizadas com a ex-vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco. A partir da análise de tais dados, foram identificados elementos presentes no seu processo. Embora o presente trabalho seja realizado com uma única mulher, é levado em consideração que o universal se materializa no singular. Desse modo, tal estudo demonstra como o meio social pode interferir direta ou indiretamente na construção de identidades, assim como ressalta a importância de ressignificar a experiência do que é ser uma mulher negra na sociedade, possibilitando também uma reflexão sobre sua atual condição – que sofre duplamente, por ser mulher e negra, levando em consideração que pode ser um reflexo da sociedade em que estamos inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE; MULHER NEGRA; NEGRITUDE; MARIELLE FRANCO; PSICOLOGIA; PSICOLOGIA SOCIAL

ABSTRACT

The Black Woman identity formation process in contemporaneous times: an analysis from the trajectory of Marielle Franco.

The formation of identity is resignified while the individual comes into contact with others and with new experiences, being constantly in a construction and deconstruction process. Faced with this movement, it is necessary to understand the process as a whole. Starting from this conception, this work focused on understanding the black woman identity formation process in contemporaneous times. Regarding to the methodology, a discourse analysis will be carried out from fragments taken from interviews that were conducted with the Rio de Janeiro former city councillor, Marielle Franco. Starting from the analysis of such data, it will be possible to identify elements present in her process. Although this work is carried out with only one woman, it is taken into account that the collective materializes in the singular. Thus, it is expected that such a study can demonstrate how the social environment can interfere directly or indirectly in the construction of identities, as well as emphasizes the importance of resignifying the experience of what it is to be a black woman in society, also enabling a reflection on her current condition - which suffers doubly, because she is a woman and a black person, taking into account that it can be a reflection of the society in which we operate.

KEYWORDS: IDENTITY, BLACK WOMEN, BLACKNESS, MARIELLE FRANCO, PSYCHOLOGY, SOCIAL PSYCHOLOGY

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A IDENTIDADE	11
2.1.2 O conceito de identidade para Antonio da Costa Ciampa	11
2.1.3 A identidade negra.....	16
2.2 A ESCRAVIDÃO E SUAS CARACTERÍSTICAS	18
2.3 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	19
2.3.1 A inserção do negro no país e o seu papel na economia	19
2.3.2 A falsa benevolência entre senhores e escravos.....	22
2.3.3 O papel da Igreja na escravidão.....	23
2.3.4 Da perspectiva que se tinha do negro na sociedade e suas implicações na atualidade.....	24
2.4 A REJEIÇÃO DA NEGRITUDE ENQUANTO IDENTIDADE	26
2.5 O CONTEXTO SOCIAL DA MULHER NEGRA	28
2.5.1 Dados demográficos.....	28
2.5.2 As formas de racismo através de uma falsa aceitação da mulher negra	30
2.6 DO PROCESSO DE REJEIÇÃO AO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO.....	32
2.6.1 O feminismo e o feminismo negro: direito para quem?.....	32
2.6.2 A identidade da mulher negra na contemporaneidade.....	34
2.7 A IMPORTÂNCIA DA RESSIGNIFICAÇÃO DO QUE É SER NEGRO(A)	34
3. PROBLEMA DE PESQUISA	36
3.1 OBJETIVO GERAL	36
4. MÉTODO	36
4.1 COLETA DE DADOS.....	37
4.2 ANÁLISE DE DADOS.....	37
5. A TRAJETÓRIA DE MARIELLE FRANCO E A RELAÇÃO COM SEU PROCESSO IDENTITÁRIO	39
5.1 MARIELLE E SUAS PERSONAGENS	40
5.1.2 Marielle como “cria da Maré”: da adolescência à maternidade	40
5.2 MARIELLE E A BUSCA POR EMANCIPAÇÃO	43
5.2.1 O rompimento de um ciclo	43
5.2.2 O ingresso em uma Universidade privada: um ambiente majoritariamente branco	45

5.2.3 O envolvimento com movimentos sociais: da militância ao ingresso à política	48
5.2.4 A luta pelos direitos humanos.....	49
5.2.5 Aspectos mobilizadores	50
5.2.6 A chegada de uma mulher negra na câmara e resistência enquanto mulher negra no parlamento.....	52
5.3 MARIELLE E O FETICHISMO DA PERSONAGEM.....	54
5.3.1 Marielle e o seu lugar enquanto mulher negra.....	56
5.4 MARIELLE E O SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO	59
5.4.1 Identidade.....	59
5.4.2 Metamorfose.....	60
5.4.3 Emancipação.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	66

1. INTRODUÇÃO

Dados teóricos revelam o contexto patriarcal, eurocentrado e escravocrata em que o Brasil foi estruturado. Desde o início houve uma divisão entre aqueles indivíduos que eram considerados dignos de respeito e aqueles que deveriam ser desumanamente explorados – e foi exatamente sob esta segunda condição que o negro foi inserido no país. Anos se passaram desde o período em que “aboliram” a escravidão, entretanto, seus efeitos perpetuam até os dias atuais, tanto no que se refere à dinâmica brasileira de exclusão e rejeição de corpos não brancos, quanto no próprio processo identitário desses indivíduos que são racializados e marginalizados. Diante disso, ao entender como essas pessoas foram inseridas no país e como são percebidas, um fato a ser levado em consideração são os empasses encontrados para libertarem-se dessa condição socialmente imposta.

Para melhor compreender, é importante demonstrar como ocorre o processo de constituição identitária de um indivíduo. Nesse processo, o Eu é constituído a partir da relação com o outro – compreende-se como outro qualquer um alheio ao indivíduo, neste caso, pode-se falar do contexto social em que está inserido – essa relação dialética tem papel importante no constante processo de construção identitária de um sujeito. Por esse motivo, Filho e Santos (2017) enfatizam que para Ciampa (2009) a identidade humana é percebida como metamorfose, levando em consideração que o processo de constituição identitária ocorre a partir de uma relação dialética estabelecida com o meio, destacando também, que o indivíduo é caracterizado pela sua capacidade de superação.

Nesse sentido, entendendo os empasses enfrentados pelo indivíduo negro em uma sociedade que o estigmatiza, é importante salientar que ele nunca está inserido em uma única categoria, podendo ser vítima de outras opressões. É o que acontece com a mulher negra em nossa sociedade. Lembremos aqui que, o Brasil foi constituído sobre uma estrutura que, além de racista, é patriarcal. Com isso, é necessário trazer um recorte de gênero, sabendo que a mulher negra, em nossa sociedade, sofre duplamente, enquanto mulher em um contexto machista e negra em uma estrutura racista. Portanto, os atravessamentos da violência nesses corpos, que impactam

diretamente no processo identitário dessas mulheres, devem ser analisados levando em conta suas particularidades.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo a compreensão de como ocorre, na contemporaneidade, o processo de construção identitária da mulher negra. Sendo assim, foi selecionada enquanto objeto de análise, a trajetória de Marielle Franco. Com isso, optou-se por uma coleta de dados em plataformas digitais a fim de analisar fragmentos de entrevistas que Marielle realizou em vida, sendo possível, a partir delas, traçar sua trajetória e apontar, a partir de uma análise de discurso, aspectos constituintes de sua identidade. Para isso, foi utilizada a teoria proposta por Antonio da Costa Ciampa com o intuito de identificar, descrever e analisar como ocorre em Marielle sua constituição identitária e expondo, também, como essa singularidade se materializada no universal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos seguintes tópicos que se sucedem, serão abordados conceitos de suma importância para a compreensão do processo de constituição identitária de um sujeito, assim como as implicações do agir social nele. Diante disso, iniciaremos a discussão ampliando o conceito de identidade para Antonio da Costa Ciampa e seus desdobramentos no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Em seguida será apresentada uma contextualização histórica da inserção do negro no Brasil e de seus atravessamentos na atualidade, dando ênfase ao recorte de gênero, trazendo à luz a perspectiva que se tem e a realidade da mulher negra no país.

2.1 A IDENTIDADE

2.1.2 O conceito de identidade para Antonio da Costa Ciampa

Ciampa (2001) retrata atividade, consciência e identidade como três categorias que são fundamentais para o estudo do homem. No que se refere à atividade Aguiar (2007), relata que o registro de experiência do ser humano com o meio sociocultural possibilitará o desenvolvimento do seu mundo psicológico. Nessa relação entre sujeito-mundo, o indivíduo modifica o meio e por ele é modificado, e este é o movimento necessário para sua formação individual. No tocante à consciência, a atuação da Psicologia consiste na tentativa de compreender os indivíduos em suas singularidades, a qual contém tanto a internalização como a expressão de sua condição sócio-histórica, ideologias e relações experienciadas. Nesse sentido, se faz necessário a compreensão do processo particular, no qual se dá a construção de consciência de cada sujeito.

Para fins introdutórios, é importante trazer à luz que, para Ciampa (2001 *apud* Junior; Lara, 2017), a identidade é percebida como metamorfose em busca de emancipação, formando o sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Diante disso, alguns pontos podem ser apresentados brevemente antes de adentrar propriamente na definição de cada um desses conceitos. Em primeiro lugar, é importante salientar que Ciampa traz à tona em sua teoria a articulação de sociabilidade e reconhecimento. Além disso, mesmice, mesmidade, identidade fetichizada e reconhecimento perverso são elementos centrais para compreender o processo identitário dos indivíduos. As relações sociais têm significativa importância na construção da subjetividade de uma pessoa, pois de acordo com Ciampa (2001

apud JUNIOR; LARA, 2017), tais relações contribuem significativamente para o processo de formação de identidades individuais, as quais se expressarão no coletivo.

Segundo os referidos autores, a partir do momento em que se compreende essa identidade, pode-se também, compreender a relação que o indivíduo estabelece com seu meio social, incluindo seus significantes, suas personagens e os limites em busca de emancipação. No que se refere às personagens, ainda de acordo com a referência que os autores fazem a Ciampa, estas são representações dos sujeitos, dos seus papéis, daquilo que desempenham socialmente para serem reconhecidos enquanto indivíduos portadores de uma identidade, mesmo que imposta socialmente. Vale ressaltar que, assim como sugere o termo “metamorfose”, esses papéis também não são estáticos, levando em consideração suas constantes transformações. Além disso, é exatamente essa pluralidade nas representações de *quem-se-está-sendo* que configura sua identidade. Na compreensão de identidade enquanto metamorfose, entende-se que tal processo diz respeito, segundo Ciampa 2005, p. 198 *apud* Campos, 2017), à concretização do vir-a-ser humano, ocorrendo a partir da superação de determinadas imposições, por sua vez, limitantes, as quais são impostas a partir de dada estrutura social.

Para melhor compreender como ocorre esse processo, se faz necessária a contextualização mais detalhada da teoria proposta por Antonio da Costa Ciampa. O autor, em sua obra *A Estória de Severino e a História de Severina: um ensaio de Psicologia Social*, publicada originalmente em 1987, elucida que o indivíduo é um conjunto de relações sociais dentro da história, percebendo identidade enquanto uma questão política, desse modo, explica que ela é o caminho pelo qual se concretiza uma política e suas ideologias, possibilitando a construção do social, o qual, conseqüentemente terá um papel importante como espaço mediador de todo esse processo, que é contínuo e metamórfico, no qual o indivíduo encontra-se em constante transformação e construção. Desse modo, a realidade é sempre movimento e transformação. Por isso, Ciampa (2009 *apud* FILHO; SANTOS, 2017) enfatiza que a identidade humana é percebida como metamorfose, levando em consideração que o processo de constituição identitária ocorre a partir de uma relação dialética estabelecida com o meio, expondo também, que o indivíduo é caracterizado pela sua capacidade de superação. Justamente por essa capacidade, os autores relatam que a partir do ano de 1999, Ciampa ampliou a perspectiva que se tinha de metamorfose,

ao perceber que a relação identidade-metamorfose já não respondia amplamente as questões, desse modo, sugeriu o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, acreditando que o processo metamórfico é impulso para transformações, possibilitando a emancipação do sujeito. Por emancipação, entende-se que é o ato de libertar-se, pois de acordo com Beltrame (2015 *apud* ALMEIDA, 2017), o termo refere-se a não mais submeter-se ao poder, às tradições autoritárias, assim como, destaca Almeida (2017), emancipar-se diz respeito a questões como o reconhecer-se enquanto sujeito que está inserido e é envolvido por uma estrutura social; um sujeito de direito. Desse modo, ao considerar uma metamorfose emancipatória, deve-se ter nítido, o contexto político do termo. Além disso, é importante ressaltar que esse processo impacta o modo como o indivíduo se coloca e se percebe no mundo.

Diante disso, Ciampa (2009 *apud* FILHO; SANTOS, 2017) elucida dois movimentos norteadores desse processo, considerados por eles como “histórico-temporais”. O primeiro é a “mesmice”, caracterizada por uma perspectiva de não-metamorfose, pois o indivíduo encontra-se estável, não havendo um processo transformatório que, em algum nível, repõe uma identidade anteriormente posta – pode-se associar com a ideia de personagens proposta por Ciampa, as quais articulam-se entre si em um movimento de igualdade e diferenças; é necessário esse movimento. Na *mesmice*, devido ao impedimento da emancipação, esse movimento é impossibilitado, resultando no não atingimento da natureza real da identidade do sujeito. É como se houvesse a identificação de si, mas não a ação para si – lembrando que a ação é movimento e movimento é transformação. Essa condição não é inerente ao indivíduo, mas sim resultado do agir social. Pensando no contexto brasileiro que é pautado por estratégias capitalistas, os autores entendem que essa não emancipação é consequência dessas práticas de dominação, que visam a negação das múltiplas possibilidades de existir. Neste momento, cabe pontuar que, para Ciampa (2001 *apud* JUNIOR; LARA, 2017), a *mesmice* leva o sujeito ao fetichismo da personagem, o qual se configura em uma repetição constante de uma mesma representação, caracterizando-se por “um aprisionamento no mundo da *mesmice*” (JUNIOR; LARA, 2017, p 5). Por outro lado, temos o segundo movimento, a “mesmidade”, considerada pelos autores como a apropriação de novos sentidos, a partir de um processo criativo, da metamorfose e de novas significações, materializando-se na própria bagagem de

vida do sujeito, no qual há criação e o coexistir de personagens, ao contrário da “mesmice” que não há esse tipo de articulação.

Para ilustrar o conceito de identidade e todas suas contradições envolvidas, se faz necessária a compreensão de alguns outros conceitos a fim de apontar quais movimentos estão relacionados nos processos identitários. Almeida (2017) destaca a autonomia e emancipação como fundamentais para superação de aniquilamentos sociais, sejam eles individuais ou coletivos, os quais implicam nas mais diversas opressões envolvendo gênero, cultura, classe, raça e tantas outras. Diante disso, o autor expõe, no que se refere à emancipação, que esse conceito envolve uma variável de debates, os quais englobam o pertencimento do sujeito em seu meio, reconhecimento, as relações de modo geral, inclusive às de dominação e exploração, classe econômica inserida, enfim, são questões que tangem à existência do indivíduo e que, muitas vezes, limitam seu movimento emancipatório, por isso a importância de não “considerar a identidade como um simples conceito descritivo das características de indivíduos e problemas sociais” (ALMEIDA, 2017. p. 2), pois isso implicaria na negação de todos esses fatores limitantes mencionados anteriormente. Diante disso, entende-se que tal processo não diz respeito apenas à mudança pessoal de um sujeito, mas sim de um processo que envolve o outro, levando em consideração que, de acordo com Ciampa (1987 *apud* ALMEIDA, 2017), a partir de relações sociais que se configura a identidade pessoal de uma pessoa.

A emancipação, deste modo, deve ser percebida enquanto possibilidade de exercer a liberdade que é do indivíduo por direito, mas que nem sempre é garantida a ele, por isso a importância de sua superação, pois entende-se que é um movimento conflituoso, levando em consideração o contexto em que estamos inseridos: em uma sociedade estruturada sobre o patriarcalismo, sobre as múltiplas opressões e que explora e aliena devido à sua construção capitalista. De qualquer forma, sua superação ou sua tentativa, diz respeito, segundo Almeida (2017), à construção de novos sentidos, às mudanças no modo do próprio sujeito de perceber si próprio ou no modo como se percebe e se coloca em suas relações, além de expressar o aumento de sua liberdade subjetiva, de autonomia, participações igualitárias em seu meio social. A política é um exemplo disso – nota-se que houve um processo emancipatório desde o período em que mulheres não tinham direito ao voto, por exemplo. Dentro disso, o autor traz à luz o conceito de metamorfose emancipatória, explicitado por

Ciampa, referindo-se justamente a esse movimento transformador em busca de emancipações. Entretanto, como já fora mencionado, o processo é conflituoso, portanto, é preciso destacar que, em primeiro lugar, o alcance à emancipação não é imutável, ou seja, não garante a completude no processo transformatório do sujeito, a sua total autonomia, o que traz à tona o segundo ponto, a emancipação de um indivíduo, não necessariamente o liberta de outras opressões, dado que, como ressalta Almeida (2017), os indivíduos não estão inclusos em uma única categoria social, um exemplo disso, como expõe o próprio autor, é a mulher que pode ser violentada devido ao fato de ser mulher, negra e até mesmo por não ter uma orientação hetero-normativa.

Neste momento, cabe realizar um paralelo do que é proposto por Mead (1993 *apud* Campos, 2017) com o que é elucidado por Ciampa. Para o primeiro autor, a fim de compreender o interacionismo simbólico entre indivíduo e sociedade, há uma relação entre formação de um *self* e a construção de suas identidades sociais. Ao pensar em uma construção identitária, é percebido-se a importância do meio nesse processo, dado que o indivíduo internaliza para si aquilo que é imposto socialmente. Entretanto, é tão importante quanto, atentar-se aos impactos do mesmo na subjetividade desses indivíduos, pois como expõe Ciampa (2001), o sujeito se reconhece a partir do momento em que é reconhecido pelo outro, ou seja, pode-se entender também que, ao pensar em populações oprimidas e rejeitadas, o processo de não reconhecimento e não pertencimento a um coletivo poderá ocorrer. Entende-se que é justamente esse movimento excludente que impedirá o processo metamórfico e emancipatório de um indivíduo. Para isso, é relevante destacar que, no que se refere a subjetividade, o entendimento do conceito não deve ser limitante, pois ele abarca um aglomerado de contradições – afirmações e negações sobre suas próprias identidades (CAMPOS, 2017, p. 2). Por isso, ao levar em consideração que o processo de emancipação, caracteriza-se, entre tantas outras expressões, pela humanização do sujeito, deve-se ter nítido que, embora sejamos seres da mesma espécie, cada indivíduo se expressa unicamente, devido ao processo de subjetivação que é submetido.

Para entender como ocorre o processo de singularização de uma pessoa, ou seja, da construção de sua individualidade, Ciampa (2001) ressalta a importância de atentar-se às relações interpessoais, pois estas são necessárias no reconhecimento

da própria identidade do sujeito, pois cada pessoa, ao encarnar as relações sociais estabelecidas acaba configurando, mesmo sem perceber, uma identidade pessoal. Para tanto, não é tão simples quanto parece, como já mencionado, o sujeito só é capaz de se reconhecer se for em algum nível também reconhecido. Nesse processo de reconhecimento, o indivíduo é capaz de interiorizar aquilo que o outro atribui a ele, de tal forma que tome como seu. Ao interiorizar e tomar determinados atributos como seu, Ciampa (2001), retrata que a identidade do sujeito é colocada sob a forma de personagens. Tais personagens, não podem ser percebidos como seres isolados, mas sim como seres relacionais.

Desse modo, Habermas (1983 *apud* ALVES, 1997), revela que o indivíduo, no decorrer de sua vida, passará por processos que possibilitarão a formação de suas identidades, sendo elas: a identidade natural, identidade de papel e identidade do Eu. A identidade natural, refere-se ao momento em que a criança se percebe enquanto um indivíduo distinto do meio externo, no qual está inserida. A identidade de papel, por sua vez, diz respeito ao processo de socialização com o meio (socialização primária), no qual a pessoa estará sujeita a cumprir determinados papéis que lhe forem impostos. Por fim, a construção da identidade do Eu, é o momento no qual o indivíduo se percebe enquanto ser individual e independente dos papéis que assumiu durante seu desenvolvimento, vindo a se identificar com seus semelhantes e, conseqüentemente, consigo mesmo. Portanto, é muito importante a presença do outro no processo de ressignificação, podendo ajudá-lo a modificar a maneira como se vê. Sendo assim, segundo Ciampa (1987 *apud* REIS, 2002), a identidade é um processo que se dá através de identificações, no qual se faz necessário a existência de referências para a sua construção, sendo válido ressaltar que tal processo é uma constante construção e desconstrução de si. Diante disso, é imprescindível fazer um recorte racial para compreender melhor como ocorre esse processo no indivíduo negro, levando em consideração a estrutura branco-normativa na qual o Brasil foi constituído.

2.1.3 A identidade negra

Diante do que foi anteriormente exposto, é importante enfatizar que, embora o processo identitário ocorra em todos os indivíduos de forma semelhante, não se deve negligenciar os recortes de gênero, raça e classe que configuram particularidades na construção subjetiva de cada um(a). Sendo assim, vale salientar que o Brasil é um

país estruturalmente racista. Desse modo, pensando na teoria proposta por Ciampa (2001), uma pessoa não deve ser reduzida ao que lhe é atribuído socialmente, pois sua identidade é mais complexa do que isso.

O que acontece nesse processo, como já mencionado, é a internalização de papéis, os quais os indivíduos tomam para si e os representam, a partir do modo como são reconhecidos socialmente. Isso ocorre, porque, segundo Ciampa (2001 *apud* JUNIOR; LARA, 2017), o ser humano enquanto ser histórico, inserido em um contexto e em um tempo, está sujeito às condições históricas em que vive, sendo previamente determinado por elas. Esse lugar pré-determinado ganha destaque quando pensamos em indivíduos negros e como estes são percebidos e colocados em nossa sociedade.

De acordo com Souza (2019), o poder é a questão central de toda a sociedade. Nesse sentido, o autor retrata que é por meio dele que será ditado a quem pertence, de um lado, a condição de privilégio e de outro, a de exclusão. Desse modo, é através dessa bifurcação que nos estruturamos. Se nos dias de hoje percebe-se tal distinção, é porque tal fato iniciou-se no passado. Sendo assim, se faz necessário, mesmo que brevemente, discorrer sobre a real história da escravidão brasileira, a qual durante muitos anos, permaneceu silenciada e substituída por uma falsa interpretação, como ressalta o autor.

Souza (2019), em sua obra, traz à tona o questionamento a respeito do principal aspecto do racismo: sua separação ontológica, na qual os seres humanos são classificados enquanto indivíduos de primeira e segunda classe - àqueles que possuem ou não alma, que são corpo e alma ou apenas um corpo animalesco. Nesse sentido, as classes consideradas superiores são aquelas que provêm um espírito, sendo valorizadas, enquanto as que estão restritas apenas ao corpo, são aquelas destinadas ao trabalho, associadas ao que é braçal, algo próximo do animal não humano.

Ainda diante dessa divisão, ele pontua que existia ainda uma outra distinção: destes, anteriormente mencionados – providos de alma ou não, para às mulheres, às quais limitavam-se ao afeto. Neste momento, nota-se o óbvio, que a mulher desde sempre teve seu papel pré-estabelecido no meio social, sendo direcionadas às tarefas domésticas, como cuidar de filhos e da casa. Sendo assim, nota-se também a divisão de gênero no âmbito do trabalho. Diante disso, o autor salienta um elemento

importante a respeito da falta de reflexão acerca dessas hierarquias estabelecidas socialmente, apresentando que são invisíveis do ponto de vista moral, ressaltando que é por esse motivo que elas se apresentam de forma demasiadamente poderosa. Em contrapartida, elucida que seus efeitos são extremamente visíveis. É neste momento que devemos adentrar à discussão dos efeitos do racismo estrutural e de como ele se estruturou no país.

2.2 A ESCRAVIDÃO E SUAS CARACTERÍSTICAS

De acordo com Pinsky (2010), escravo é o termo utilizado para classificar aqueles indivíduos que da forma mais desumana são submetidos ao desejo de um outro, no qual são tomados como propriedade completa dos senhores que os compravam, fazendo com eles o que bem entendiam – eram considerados meros objetos. Diante disso, vontades e desejos dos escravos eram desconsiderados, não podendo exercê-los, senão a mando de seus proprietários.

Tal relação entre mandar e obedecer já podia ser observada, como ressalta o autor, na era mesopotâmica, na qual alguns sujeitos eram também submetidos à condição de um trabalho escravo, tidos como objetos para que usufríssem de sua mão de obra. Nesta época, o trabalho era limitado, tinham-se prazos como, por exemplo, o fim de uma construção. Diferentemente, do que aconteceu na Grécia, no qual semelhante ao período escravocrata no Brasil, o escravo tinha seu corpo vendido e sua mão de obra era explorada de forma ilimitada, não deixando em nenhum momento a sua condição de escravo. Além disso, bem próximo ao que aconteceu no país, o escravo era também utilizado como fonte de riqueza para a sociedade da época. Assemelhando-se ao que aconteceu em nosso país com a chegada dos portugueses e início da escravidão dos negros.

No que tange à essa condição escravista, Pinsky (2010) destaca alguns pontos importantes para a compreensão de como esta chegou no país. Se anteriormente foi mencionado que há tempos já existia essa condição, o autor põe em questionamento quais seriam os motivos para ela ter retornado séculos depois. Neste momento é importante fazer um outro recorte, antes de adentrar à discussão da escravidão brasileira, que é o motivo pelo qual os portugueses retomaram essa dinâmica escravocrata e quais os interesses estariam envolvidos nisso.

Pinsky (2010) relata que em 1444 os portugueses, a partir de uma expedição, levaram para Portugal mais de duzentos indivíduos na condição de escravos, todos vindos do interior da África. Inicialmente, o intuito dessa expedição era compensar o desfalque da população no país. Buscavam também, compensar a falta de liberdade desses indivíduos através da troca por uma salvação espiritual que seria possibilitada pela Igreja ao se converterem ao cristianismo – nota-se já neste momento, o papel da Igreja corroborando para a prática escravista. Tal característica será melhor detalhada mais adiante, ao falar do papel da igreja na justificação da escravidão, principalmente no que se refere ao Brasil.

O autor considerou tal prática como uma fase teste, na qual entende-se que os portugueses começaram a perceber seus benefícios, como por exemplo, a importância comercial que esses indivíduos tinham. Diante disso, amplia-se para um comércio da mão de obra dos negros, que foram vendidos também para outros países. A troca e venda eram feitas com tecidos, alimentos, animais e afins, o autor ressalta que cada uma dessas trocas era equivalente à vinte escravos. Neste momento inicial, em que o negro era vendido como mercadoria, nota-se seu uso como fonte de trabalho, que por sua vez, geravam riquezas. A partir disso começam as negociações com os mais diversos países, inclusive com o Brasil, sendo considerado o ápice de toda prática. É neste momento que os portugueses começam, também, a escravizar o negro em nosso país.

2.3 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E SUAS CARACTERÍSTICAS

2.3.1 A inserção do negro no país e o seu papel na economia

Ao refletir sobre um momento pós abolicionismo, há algo a ser destacado no que se refere a liberdade do negro. Embora tenha sido liberto, de acordo com Nunes (2006) ao negro foram negadas as condições para que pudesse exercer sua liberdade. Nesse sentido, é válido enfatizar que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, deixando, sem sombra de dúvidas, resquícios na atualidade. Para melhor compreender, é importante contextualizar sobre a inserção do negro na sociedade e como este era percebido por aqueles que o escravizaram.

De acordo com Nascimento (1978), a história da escravidão no Brasil inicia-se com a chegada dos portugueses no país no ano de 1500. Este marco histórico, dá início ao conhecido “descobrimento” do Brasil. No que se refere à chegada dos povos

negro-africanos, o autor relata que, logo após os anos 1500, por volta de 1530, os africanos foram trazidos para o país na condição de escravos, destinando a eles a função de exercer todo o trabalho, sendo tratados de maneira demasiadamente desumana. Nunes (2006) relata que, o negro era percebido como mera mercadoria, na qual podia ser alugado, vendido e comprado. Ressalta ainda, que o escravo era incluso na contabilidade das fazendas juntamente com outros bens materiais – percebe-se aqui a objetificação do negro.

Pinsky (2010) enfatiza em sua obra algo digno de nota: o negro não veio ao Brasil, ele foi trazido ao Brasil. É importante levar isso em consideração, para ter o mínimo de noção da realidade em que estes foram inseridos no país, pois o “vir” implica em algo voluntário e desejado, diferente do que realmente aconteceu, o fato de que foram tirados à força de seus países de origem para trabalhar em condições desumanas e precárias a fim de produzirem para o mercado. O autor ainda ressalta que o trabalho era de tamanha complexidade e que a base de toda atividade econômica da época era a mão de obra desses escravos. Tratando-se do papel do negro da economia do país, alguns pontos que marcaram a sua inserção no país podem ser destacados. O autor revela que naquele contexto os donos dos engenhos se deparavam com a ausência de mão de obra barata e que atingisse de forma submissa às suas demandas, diante disso o negro era percebido como aquele que poderia preencher essas lacunas, além disso, para eles também era vantajoso o fato de que poderiam lucrar em cima dessas mercadorias baratas. Vale ressaltar que todo o movimento econômico da época girava em torno da grande lavoura, com interesse voltado para a produção de um mercado que gerasse lucro.

Outro fator que deve ser levado em consideração, e que Pinsky (2010) traz em seu trabalho, é a expressiva quantidade de mão de obra escrava que os senhores, donos de engenho, tinham em suas produções. O autor aponta, para fins demonstrativos, o exemplo da produção de açúcar, na qual não contava com menos que cinquenta escravos por produção. Tal ocorrência deve-se ao fato de que, caso não utilizassem a mão de obra escrava, exigiria maior investimento, o que para eles não era viável, tendo em vista a barata mão de obra escrava. Desse modo, a característica principal da agricultura brasileira, naquele momento, constituía, segundo Pinsky (2010) pela propriedade escravista. Além disso, destacava-se por sua característica de propriedade latifundiária, de monocultura e exportadora – baseado

também na mão de obra exploratória do negro, o que era de grande interesse para os traficantes desses escravos. Percebe-se, neste momento, como o escravo tinha sua significativa importância no giro econômico do país, pois todos os movimentos do capital da época, ocorria em função do seu doloroso e impiedoso trabalho.

O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra de sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia (NASCIMENTO, p. 49, 1978)

Neste momento, como expõe Pinsky (2010), o mercado de trabalho escravo desenvolveu-se rapidamente. Um fato que possibilitou o maior acesso ao negro enquanto mercadoria, foi a proximidade do Brasil com as costas africanas, possibilitando também um preço reduzido na compra desses escravos. Fato que ilustra a fácil troca quando estes eram considerados improdutivos para o trabalho – algo que não era difícil de ocorrer, devido aos maus tratos que eram submetidos; eles trabalhavam dia e noite para a camada branca dominante. Diante disso, têm-se um importante marco do papel do negro no início da economia do país, pois como o negro chegou juntamente com os portugueses a eles foram destinados todo o trabalho.

De acordo com Nascimento (1978) os portugueses contaram com a participação dos escravos por toda extensão do território nacional como nordeste, em plantações de açúcar; sudeste com a descoberta de ouro em Minas Gerais e Rio de Janeiro e São Paulo como polos da plantação de café. O autor ressalta a impossibilidade de contabilizar a quantidade total de escravos na época, mas as estatísticas apontam para cerca de quatro milhões. Embora seu papel tenha sido significativo no plano econômico do país, nota-se que a eles não eram dado tal reconhecimento, até porque negava-se, inclusive, o reconhecimento enquanto seres humanos. Sendo assim, desde sua chegada, os africanos plantaram e colheram riquezas, mas para o benefício da camada dominante. Embora tenha sido exposta a realidade na qual o negro foi inserido no país, alimentava-se a ideia de uma relação harmoniosa e igualitária entre senhores e escravos, a qual se desdobrava em uma falsa ideia de democracia racial e na tentativa de escamotear a violência e o racismo já estruturado. Diante disso, é necessário dar ênfase a essa parte da história para maior compreensão do que foi, de fato, a relação entre senhores e escravos.

2.3.2 A falsa benevolência entre senhores e escravos

Os povos africanos eram vistos exclusivamente como uma forma de gerar lucro, uma raça que servia apenas para ser explorada. Apesar disso, difundia-se fortemente a ideia de que ocorria de uma forma saudável, pois acreditava-se na relação benevolente dos senhores para com seus escravos. É de grande importância, portanto, expor, mesmo que brevemente, a realidade das relações entre senhores e escravos, pois se houve, de fato, uma relação benevolente entre eles, não haveria como destaca Pinsky (2010), jornadas de trabalhos que duraram de quinze a dezoito horas por dia. Tampouco, condições precárias de alimentação e descanso.

Ainda de acordo com Pinsky (2010), os escravos habitavam as senzalas, as quais mal possuíam iluminação – cabe ressaltar a ausência de janelas ou quando existiam, eram cobertas por grades. Toda instalação era coberta com pau a pique e raros os “luxos” que eram dados para os casais, mas só porque estes eram de interesse reprodutivo para os senhores, pois isso lhes garantia produção de mão de obra. Além disso, pode-se apresentar também que, apesar de feriados religiosos, os senhores mantinham seus escravos ocupados seja por não se importarem com eles, seja por não desejarem a interrupção das atividades ou pelo medo do que poderiam fazer em seu curto tempo de “liberdade”. Diante disso, pode-se observar cada vez mais a exploração de sua mão de obra.

O autor faz um importante destaque no que se refere à pouca liberdade que o escravo tinha de produzir e colher seu próprio alimento, demonstrando que na realidade isso não implicava em uma autonomia para o indivíduo, mas sim no interesse dos senhores de diminuir seus custos que seriam gastos, por exemplo, com essas alimentações. Pode-se perceber, portanto, que os poucos cuidados que se tinham para com os escravos eram a fim de nutrir interesses pessoais de seus proprietários.

Alimentava-se, ainda, a ilusão de que realmente existiu a chamada “democracia racial” a qual consistiu no mito de que devido à essas boas relações, os europeus permitiam que resquícios da cultura afro permanecessem no país, assim como também seus descendentes. Nascimento (1978) reitera que os argumentos para a propagação dessa falsa democracia eram muitos como, por exemplo, o fato de que quase toda criança branca fora criada por uma ama negra, o que expressava o convívio entre eles, mas o que não era explícito, era que essas mulheres não tinham

outra opção além de amamentarem essas crianças. Além disso, era exposto que da mesma forma que os escravos foram colonizados, os senhores europeus foram também por eles “africanizados”, o que reforça a ideia ilusória de trocas livres e da permanência da cultura africana mesmo após anos. Sendo assim, o autor ressalta que a dissimulação e a mentira foram recursos utilizados para a propagação dessa crença e a manipulação da história do negro africano no país.

2.3.3 O papel da Igreja na escravidão

No que se refere à propagação de uma falsa relação entre senhores e escravos, Nascimento (1978), ressalta o papel da igreja na omissão e na conivência com os ocorridos. Primeiramente, é importante enfatizar que as agressões e o desrespeito eram normalizados. Em segundo lugar, o autor expõe que o cristianismo tinha papel importante no processo de escravização, pois compactuava completamente com o que acontecia, minimizando ainda seus efeitos.

De acordo com Mello (2000 *apud* Oliveira, 2007), o contexto histórico da época foi pautado sobre uma estrutura hierárquica, na qual cada indivíduo teria o seu devido lugar na sociedade, o que incluía o lugar do negro. Diante disso, ao levar em consideração a realidade já desigual, pode-se entender que tal hierarquização fora naturalizada. Importante papel teve a Igreja, que a partir de seus dogmas e ensinamentos pregava que cada um deveria respeitar seu lugar no meio social. Ao referir-se aos escravos, entendia-se que o lugar deles era necessário para a manutenção dessa hierarquia. Acreditava-se, inclusive, que a escravidão era a “condição básica para a constituição de uma sociedade católica e escravista na América Portuguesa” (MATTOS, 2001 *apud* OLIVEIRA, 2007).

Com isso, entende-se o pacto da Igreja com as práticas escravistas, pois se entendia que este era um elemento natural para o funcionamento da sociedade. Oliveira (2007) pontua que a condição do negro, enquanto escravo, era justificada pela crença religiosa advinda de concepções de pecado e inferioridade espiritual de alguns povos. O autor ainda ressalta que a escravidão em algumas tradições era percebida como punição, sendo associada também a redenção – percebe-se, novamente, a naturalização da prática pela Igreja. Sendo assim, entende-se que os negros eram marcados pelo pecado e por eles precisaram pagar, por meio do que era considerado justo, perante Deus, como punição.

É válido ressaltar que o papel da igreja não se restringia apenas à convivência com as práticas escravistas, pois de acordo com Nascimento (1987), no Brasil ela também teve responsabilidade sobre a colonização do negro, que implicava na imposição de uma religião sobre outra já existente – a própria africana. Além disso, nesse processo declarava-se que o lugar do negro era, de fato, o de submisso; alegava-se que deviam servir a eles como se fossem Deus, pois assim, sua pele negra poderia ser purificada. Entende-se, portanto, que a intenção do cristianismo, independentemente de sua vertente, também era de tornar aquele ser humano o mais próximo do socialmente aceito: o branco europeu. Neste caso em específico, através da propagação religiosa. Entretanto, não podemos nos esquecer que houve outras formas de anulação da subjetividade dessas pessoas, como o processo de branqueamento.

2.3.4 Da perspectiva que se tinha do negro na sociedade e suas implicações na atualidade

Não é necessário grande aprofundamento para compreender que os povos africanos não eram considerados viáveis para a continuidade da espécie humana, pois seus descendentes herdariam suas características, as mesmas que eram rejeitadas pela sociedade branca. Desde esse momento foi negado ao negro todo e qualquer direito, forçando-o a se submeter a uma condição de branqueamento, considerada uma outra estratégia de genocídio do povo negro (NASCIMENTO, 1978). Diante disso, a fim de apontar o agente fomentador da exiguidade de informações que poderiam garantir ao negro a busca por direitos, justiça e igualdade, Nascimento (1978) cita o ato de 1899 do Ministro das Finanças Rui Barbosa¹, que se apoiou no entendimento de que todos eram considerados brasileiros, independentemente de sua origem, visando, mais uma vez, reafirmar a ideia de democracia racial; entretanto, o que estava por trás dessa falsa concepção era o fato de a camada branca dominante se sentir ameaçada por toda e qualquer coisa que permitisse o mínimo de conscientização aos afro-brasileiros. Todo movimento ocorria em prol da negação de

¹ Ato do Ministro das Finanças Rui Barbosa que ordenou a incineração de todos os documentos – inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, etc – pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos escravos; assim se apagaria a “mancha negra” da História do Brasil. Nascimento, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

que existia uma sociedade escravocrata, mas o que estava implícito, era que isso representava mais uma tentativa de controle social.

Desse modo, entende-se que para Nunes (2007), a escravidão no Brasil não foi menos violenta que em outros países. O que talvez amenize seu caráter repugnante, para além dos mitos anteriormente mencionados, é a naturalização do racismo, devido ao fato da cotidianidade da violência praticada contra o negro – fato que nos leva a compreensão da estrutura racista presente nos dias de hoje em nossa sociedade. Além disso, resquícios desse movimento podem ser percebidos a partir do momento em que se acreditou na ideia de que, o momento pós-abolicionismo, seria de grande libertação para os escravos, pelo contrário. Apesar deste movimento não ter negado ao negro direito à liberdade, sabe-se muito bem as condições precárias em que estes foram libertos, na qual se pode citar miséria material, a ainda presente discriminação e constante humilhação. Diante disso é explícito, como menciona o autor, que a tão esperada cidadania não chegou para “ex” escravos – percebe-se, inclusive, atualmente a constante luta pelo seu espaço e direito à igualdade. Muda-se as aparências, entretanto, a essência das relações de dominação sobre o corpo negro ainda perpetua.

Atualmente, ainda é possível observar a omissão da história do negro no país, pois de acordo com Carvalho (2015), os descendentes europeus se orgulham de seus heróis romantizados, enquanto os afrodescendentes sentem dificuldade de afirmar seu pertencimento a uma raça que foi por tanto tempo inferiorizada. De acordo com a autora, para estabelecer uma identidade étnico-racial é preciso trazer à tona os valores positivos dessa história, o que acaba não acontecendo. A autora ainda expõe que, a cor da pele definia as pessoas enquanto cidadãos, dessa maneira, diferenciava-se qual o lugar de cada um na sociedade. Tal condição, supervaloriza o branco enquanto desvaloriza o negro, dificultando seu processo de identificação.

De acordo com Ferreira (2009), a pessoa negra carrega o estigma de ser vista como um mero instrumento de trabalho. Além disso, ao fazer um recorte de gênero, levando em consideração o contexto histórico em que a mulher negra foi inserida no Brasil, segundo Carvalho (2015) será possível observar que desde sempre foi associada ao trabalho doméstico e vista de maneira sexualizada.

Segundo Nascimento (1978), a mulher negra, no período de escravidão, também era explorada pelos senhores escravocratas, sendo violentada sexualmente, resultando dessa relação uma pessoa, a qual chamavam de “Mulato(a)”. Cabe ressaltar aqui que essa também foi uma forma de embranquecer a raça. Tal mestiçagem, segundo Souza (2019), possibilitava ascensão social para os mestiços, ou seja, o filho da escrava africana provindo de tal relação, teria a possibilidade de ser aceito como um indivíduo europeizado dentro da sociedade conservadora e patriarcal desde que internalizasse os valores e interesses do opressor - aceitação da fé, dos costumes e dos rituais, como resalta o autor. Diante disso, pode-se perceber a estratégia do embranquecimento, visando aproximação da camada dominante europeia, afastando-o das raízes africanas.

Nesse sentido, a justificativa que utilizavam para tamanha opressão era o fato de que, segundo Franca (2013), por ser considerado inferior pelo imaginário social, o negro transmitiria para seus descendentes características que não eram bem aceitas na camada branca dominante, dessa forma, precisaria, de acordo com Costa (2009), de um aprimoramento da raça, ou seja, uma melhora através da mistura com outra raça considerada superior. Dessa maneira, a eugenia² no país não sugeria explicitamente a eliminação da raça negra, mas sim seu aprimoramento, entretanto, como mencionado anteriormente, esta também é uma forma escamoteada de genocídio do negro brasileiro. Diante de todo esse processo, Souza (2019) elucida o processo de escravidão do Brasil como uma escravidão semi-industrial e sexual, na qual posteriormente seria o alicerce para a construção das relações de classe e gênero no país.

2.4 A REJEIÇÃO DA NEGRITUDE ENQUANTO IDENTIDADE

Dado o contexto sócio histórico que possibilita que o branco seja enxergado como modelo a ser seguido, e o negro de maneira pejorativa, não é de se surpreender que este venha a rejeitar a própria pele, ainda mais tratando-se de pessoas mestiças (mistura da raça branca com a negra). Nesse sentido, de acordo com Reis (2002), o

² Acreditava-se que se fosse possível controlar e produzir humanos melhores através de um processo de reprodução seletiva a fim de tomar rédeas sobre a evolução do homem. O apoio para tal procedimento vinha de pessoas brancas de classe médias consideradas bem-educadas. LANGSTANTION, Peter; JACKSON, Steven. **Eugenia: como movimento para criar seres humanos ‘melhores’ nos EUAS influenciou Hitler**. 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39625619>>. Acessado em: 11 dez 2018.

fato de o negro ser atrelado socialmente aos estereótipos negativos faz com que o(a) “Mulato(a)” negue a cor de sua pele por começar a perceber que se assemelha à negra. Uma grande implicação disto são os conflitos internos, envolvendo sentimento de impotência e não pertencimento. O indivíduo ainda tenderá a resgatar os traços brancos que houver nele e, caso não haja, implementará através do processo de embranquecimento. Esse processo consiste em minimizar características da estética negra, acentuando as do branco, viabilizando maior inclusão social. O sujeito, ao negar sua condição de negritude, acaba por validar os estereótipos negativos relacionados a ela. Tal condição pode interferir diretamente no processo de auto identificação, fazendo com que tendam a escolher pelo que lhes proporciona maior aceitação social; além disso, podem vir a sofrer com uma dualidade, no sentido de não se identificarem nem como negros nem como brancos, não encontrando um lugar identitário na sociedade (REIS, 2002).

A identidade e a consciência étnicas são, assim, penosamente escamoteadas pela grande maioria dos brasileiros ao se auto analisarem, procurando sempre elementos de identificação com os símbolos étnicos da camada dominante (MOURA, 1988, p.62 *apud* REIS, 2002, p.97)

O sentimento de impotência, ainda de acordo com Reis (2002), pode tanto fortalecer os estereótipos negativos quanto dar forças para que estes sejam quebrados. É nesse momento que a mudança de perspectiva se faz necessária, ocorrendo quando o sujeito se permite questionar a origem de determinados valores que lhe foram impostos, reavaliando o que cabe ou não a ele; entretanto, isso só é possível a partir do momento em que ele deixa de ver a negritude como algo distante de si, possibilitando o surgimento de um sentimento de pertença. Porém, para que isso ocorra, será necessário o fortalecimento de uma identidade que até então lhe era distante.

Reis (2002) ainda ressalta que as referências que o indivíduo terá, no decorrer de sua trajetória, sobre o que é ser negro, poderão contribuir de maneira positiva ou negativa para o seu desenvolvimento. Algo importante a ser refletido é a falta de representatividade negra nos mais diversos meios de comunicação, ainda mais no que se refere aos conteúdos produzidos pela mídia, que possuem grande impacto na sociedade. Um exemplo disso é o pouco que se vê da representação do negro nas novelas, e quando aparecem, seus corpos estão ligados à marginalização e

criminalização, enquanto os papéis principais são direcionados aos brancos. Pode-se entender isto como o reflexo da visão que sociedade tem sobre esses indivíduos.

Se ampliarmos esta reflexão, teremos um outro exemplo não distante. Ao observarmos como o assunto é trabalhado nas instituições escolares, veremos que o negro é visto apenas como o sujeito escravizado, não havendo aprofundamento em sua história e cultura. A escassez nas referências faz com que cada vez mais o indivíduo negue suas origens e queira fazer parte daquilo que lhe traz oportunidades, do que lhe traz um lugar no meio social.

Segundo Souza (2019), foi através de ações midiáticas e da indústria de bens de consumo culturais que se instalou a hierarquia moral. Tal hierarquia separa homens como seres de primeira classe e mulheres enquanto seres segunda classe. O autor ainda critica a falta de questionamentos acerca do assunto, sobre influência disso no meio social. Dessa forma, sem uma consciência crítica, tal ideia tende a separar e hierarquizar o, organizando os indivíduos por classe, gênero e raça – essas divisões classificam àqueles que são sujeitos de direitos e aos quais esses mesmos direitos serão negados. Portanto, é preciso ressignificar e desmistificar o que é ser negro para a sociedade. É preciso trazer à tona mais referências. É preciso falar sobre a negritude e resgatar suas origens. Além disso tudo, é preciso atualizar as representações do negro na mídia, para que elas possam ir além dos estereótipos, como o do homem negro enquanto marginal e a da mulher negra enquanto objeto sexual.

2.5 O CONTEXTO SOCIAL DA MULHER NEGRA

A fim de compreender o processo de constituição identitária da mulher negra, é necessário explicitar a realidade em que essas mulheres estão inseridas no Brasil, os lugares que ocupam em relação aos lugares ocupados por pessoas brancas. Além disso, é importante destacar os estereótipos atrelados a negritude e o seu impacto na formação de identidades, agora com o recorte de gênero.

2.5.1 Dados demográficos

Ao fazer um recorte de gênero e raça, temos que a mulher negra, além de estar inserida em um contexto racista, também se encontra em uma sociedade patriarcal, sofrendo duplamente em processo de formação de identidade. Medeiros (2002), há quase duas décadas atrás, já havia exposto que tais mulheres eram o

segmento de maior discriminação social, tanto por uma questão de gênero quanto de raça. Segundo o Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil (2013), no ano de 2009 cerca de um quarto da população brasileira eram compostas por mulheres negras, representando 50% da população feminina, enquanto 49,1% eram mulheres brancas. No que se refere ao espaço da mulher negra no mercado de trabalho, as autoras destacam que há um recorte feito, no qual levaram em consideração mulheres que estão em atividade e inatividade, considerando em atividade aquelas que estão ocupadas com alguma atividade ou, apesar de desocupadas, estão em busca de emprego. Nesse sentido, apontam que 43,2% das mulheres que estavam inativas eram brancas, enquanto 39,2% eram de mulheres negras. A diferença não é gritante, sendo reflexo da estrutura patriarcal da sociedade brasileira, na qual consiste na divisão do trabalho por gênero. Por outro lado, diante do contexto da extrema pobreza, ainda no ano de 2009, 48% da população nessa situação de vulnerabilidade eram homens, sendo 52%, mulheres, e aproximadamente, 74% desse total era composto por pretos, pardos e indígenas. Ao fazer uma divisão entre gêneros e grupos raciais, a pobreza, nas duas camadas em análise, é experimentada por 21% das mulheres negras.

Atualmente, ainda se perpetua essa condição. De acordo com os últimos dados do IBGE, sobre a condição social da mulher no país (2018), no que se refere à educação, apenas 10,4% das negras possuem ensino superior completo, enquanto que 23,5% e 20,7% são percentuais de mulheres e homens brancos, respectivamente, já em relação às horas semanais dedicadas ao cuidado de pessoas ou afazeres domésticos, 18,6% diz respeito às negras, sendo a maior porcentagem quando comparada com pessoas brancas, sendo 17,7% mulheres e 10,4% homens. No que diz respeito à saúde, há também uma defasagem nas taxas se comparadas com as de mulheres brancas. De acordo com a cartilha do Ministério da Saúde (2017), sobre a política nacional de saúde integral da população negra, as mulheres que mais realizaram exame de mamografia eram brancas, com um índice de 66,2%, enquanto 54,2% eram negras. Em relação ao número de consultas pré-natal, com no mínimo seis, houve uma taxa de 69,8% para negras e 84,9% para brancas.

Além disso, de acordo com a mesma cartilha, as mulheres negras são consideradas o principal grupo em situação de pobreza no país, apenas 26,3% não estão nessa condição, enquanto 52,5% das mulheres e 52,8% dos homens brancos

ocupam a condição não-pobres. Outro dado apresentado refere-se a porcentagem de famílias que são lideradas por mulheres, dessas famílias cerca de 53,6% são chefiadas por mulheres negras, na qual 63,4% estão ocupadas com o trabalho doméstico. No que se refere ao trabalho, têm-se que mulheres negras são o grupo com maior atuação em trabalhos informais, além de conferirem a maior taxa de desemprego no país. Sabe-se, com isso, a pouca participação dessas mulheres principalmente nos espaços de poder e tomada de decisão, pesquisas apontam apenas 3% ocupavam o cargo de Ministro do Estado; 1% no parlamento como deputadas e senadoras e apenas 0,5% ocupavam os diretórios das maiores empresas no país.

Diante disso, no que diz respeito à formação de identidade da mulher negra, Gesser e Costa (2018) evidenciam que, ao ter uma construção distorcida do que é ser negra, essas mulheres poderão ter dificuldades ao se sentirem pertencentes a um contexto, que é ameaçador e que as impossibilitam de usufruir dos mesmos direitos que outros indivíduos, além disso, impede seus processo emancipatórios.

2.5.2 As formas de racismo através de uma falsa aceitação da mulher negra

Na nossa sociedade, desde a época da escravidão, a mulher negra nunca foi de fato aceita, o que se pode dizer é que foi tolerada durante todo esse tempo. Sua condição, enquanto negra, foi escamoteada justamente para que um mínimo espaço fosse concedido no meio da camada branca dominante. Nesse sentido, alguns aspectos dessa prática de apagamento de suas identidades podem e devem ser destacados. Em primeiro lugar, é de grande importância enfatizar uma das maiores, senão a maior, estratégias: o embranquecimento.

Para Nascimento (1978), o embranquecimento é considerado uma estratégia de genocídio da raça e da cultura negra. Tal processo, no período escravocrata, ocorreu a partir do estupro. Os senhores forçavam a prática sexual com a mulher negra a fim de clarear a raça, justamente porque a perpetuação dela, entre os próprios negros, era incabível pois era considerada uma “mancha negra” como ressalta o próprio autor. Essa “mancha” muito tinha a ver com todos os estereótipos negativos atribuídos a negritude. O autor enfatiza, ainda, que essa prática continuou a perpetuar durante gerações.

Diante disso, segundo Silva (2018), tal processo ocorreu no Brasil também como uma forma do negro internalizar padrões europeus. Com isso, os mais diversos termos foram desenvolvidos para se referir a essas pessoas como mulato, moreno ou pardo. Entretanto, o que está implícito é o apagamento da identidade dessas pessoas. Levando em consideração, a ideia central do processo de branqueamento, é possível compreender que o distanciamento do reconhecimento desses sujeitos enquanto negros, é mais uma forma de expressar o racismo. Nesse sentido, cabe destacar o segundo ponto: a falsa aceitação da mulher negra.

Como mencionado anteriormente, algumas estratégias são utilizadas como forma de escamotear o racismo presente em nossa sociedade e o processo de embraquecimento é uma delas. A partir disso, é importante explicitar o conceito 'colorismo', utilizado pela primeira vez por Alice Walker em sua publicação *"If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like"*. Neste momento, levando em consideração o contexto histórico em que a mulher negra foi inserida na sociedade, é imprescindível fazer um recorte a fim de compreender de que forma a mulher negra é falsamente aceita atualmente. Para isso, será explicitado inicialmente o conceito e posteriormente suas implicações.

Silva (2018) ressalta que esses indivíduos são considerados "menos negros", portanto, socialmente mais aceitos. Esse processo é o que chamaremos de Colorismo ou Pigmentocracia, o qual consiste na maior tolerância daqueles que possuem a pele mais clara, ou seja, mais próxima da branquitude e a rejeição daqueles com o tom de pele mais escura. Apesar de compreender a multiplicidade da tonalidade negra, é inegável o efeito segregatório desse raciocínio.

Como já mencionado anteriormente nesse trabalho, houve a propagação da ideia ilusória de que em nosso país existiu uma democracia racial e que o processo de miscigenação foi harmonioso. Nesse sentido, Conceição *at al* (2019), enfatiza que é comum que pessoas romantizem esse processo. Entretanto, é observável como o negro é realmente percebido na sociedade. É neste momento que a compreensão do termo utilizado por Walker se faz necessário, pois como revela Silva (2017 *apud* Silva, 2018) é a tonalidade da pele do sujeito que definirá seu lugar social. Levando em consideração que o Brasil ainda carrega e reproduz padrões escravocratas e discriminatórios.

A mulher negra sempre foi vista socialmente a partir de aspectos que as valorizem enquanto sujeito, o que contraditoriamente as desvalorizam e oprimem. Segundo Ribeiro (2018 *apud* Silva, 2019) tais mulheres são percebidas levando em consideração alguns estereótipos como o de “mulher preta barraqueira”, a mulher “mulata” e a “mãe preta”, que representam respectivamente a mulher barraqueira, a hiperssexualizada que serve à sociedade capitalista, sendo vista como mercadoria, tendo seu corpo vendido, se pensarmos em um âmbito midiático e a “mãe preta” como aquela que não serve para nada, além de servir e cuidar. Tais classificações não foram formuladas na atualidade, mas propagadas desde o período em que os senhores escravistas selecionavam quais eram as mulheres que “serviam” para “fornicar” e quais eram dignas do cuidado, como por exemplo, as amas de leite. Já neste momento, observa-se a relação que era estabelecida com elas a partir da tonalidade de suas peles. São formas de violência escamoteadas, como pontua Ribeiro (2018 *apud* Silva, 2019), pois essas mulheres nunca tiveram de fato um espaço e nunca foram respeitadas, pois se por um lado uma era completamente rejeitada, do outro tinham aquelas que só eram aceitas em uma condição de violência e exploração sexual. Desse modo, é de considerável importância compreender os atravessamentos na constituição identitária dessas mulheres.

2.6 DO PROCESSO DE REJEIÇÃO AO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO

É de significativa relevância discorrer sobre os recortes raciais dentro dos movimentos sociais, especialmente no que tange aos movimentos feministas. Compreender os diferentes atravessamentos e as pautas de mulheres negras, que em sua maioria, se diverge de mulheres brancas, é necessário para ampliação de debates, formulação de políticas e maior inclusão e pertencimento na sociedade.

2.6.1 O feminismo e o feminismo negro: direito para quem?

É preciso repensar a dinâmica do feminismo, levando em consideração sua origem branca e ocidental como aborda Carneiro (2003), pois não é novidade que as construções identitárias perpassam a violência sofrida pelos povos negros no Brasil, estruturando uma falsa ideia de democracia racial. De acordo com a autora, tal fato estruturou relações hierárquicas de gênero e raça, existentes hoje na sociedade.

Diante disso, discute as diferenças históricas em que a mulher negra experienciou em relação a mulher branca. De modo algum, minimiza-se o sofrimento

desta última, mas enfatiza que são discussões diferentes e que precisam ser levadas em consideração nos debates feministas atuais.

Sendo assim, Carneiro (2003) expõe a dupla opressão sofrida pela mulher negra: a de gênero e a racial. Um ponto importante levantado por ela, é sobre a fragilidade feminina, aspecto levantado nas discussões feministas atuais, na qual tenta-se desconstruir a ideia de um “sexo frágil”, entretanto, traz à luz o ponto de vista de que, no que se refere às mulheres negras, estas nunca foram de fato vistas como frágeis, pelo contrário. Para isso, basta retomar como essas mulheres foram inseridas na sociedade no período em que eram escravizadas. Tal debate estende-se para a luta pelo espaço da mulher enquanto portadora do direito de trabalhar, assim como os homens, porém, ao fazer novamente um recorte racial, têm-se que para a mulher negra, o trabalho nunca foi um direito, mas sim sua única opção, seja nas lavouras ou na exploração de seus corpos, por exemplo.

Para compreender a diferença existente na luta entre gênero, classe e raça, não é necessário basear-se apenas em dados históricos do período de escravidão, pois é possível observar seus efeitos nos dias de hoje. Um exemplo disso, como expõe Carneiro (2003), é o mito de “rainha do lar”. A autora questiona, de que mulheres estão falando, pois, as negras, nunca estiveram em tal posição. Esse aspecto já foi explicitado anteriormente, quando foi exposto os dados demográficos, demarcando o local dessas mulheres na sociedade.

Ainda de acordo com a autora, observa-se o impacto da propagação do mito de uma democracia racial, pois se de um lado há a perspectiva de uma igualdade, do outro não há, refletindo a partir de um ponto de vista social, a necessidade de diferenciação dessas mulheres, o que implica diretamente, por exemplo, na compreensão das reais vulnerabilidades da população negra feminina. Por isso, é necessário o recorte racial. Desse modo, enfatiza que é fundamental dentro dos movimentos feministas, que a mulher deve ser liberta de qualquer tipo de opressão, seja ela qual for. Sendo assim, complementa, que o feminismo negro, por sua vez, deve articular o racismo e o impacto deste na própria hierarquização de gênero.

Portanto, Carneiro (2003) ao mencionar a luta contra as opressões, ressalta a importância da nova configuração da luta feminista, a qual deve incluir em suas pautas, as variáveis de raça e classe, levando em consideração que mulheres negras

não usufruem dos mesmos privilégios destinados às mulheres brancas. Sendo assim, deve-se manter um olhar que, além de anti-machista, deve ser anti-racista. O impacto disso é significativo, pois a partir do momento em que as necessidades dessas mulheres são percebidas em sua totalidade, é possível trazer à luz as consequências dessa marginalização e tentar, minimamente, repará-las. Considerar que no âmbito da violência contra a mulher, a violência racial também deve ser considerada é parte desse movimento, assim como, levar em consideração a posição social dessas mulheres e todas as problemáticas que atingem essa população. Além disso, não se pode negar a alarmante condição de pobreza de grande parte dessas pessoas, o que, por sua vez, ao serem discutidas, podem levar a formulações de políticas públicas próprias para essas mulheres, possibilitando assim, o acesso concreto aquilo que é seu por direito.

2.6.2 A identidade da mulher negra na contemporaneidade

Nos dias de hoje, é possível observar uma ascensão no que se refere ao processo de ressignificação do que é ser uma mulher negra na sociedade. A partir de movimentos sociais e de militância, essas mulheres têm se apropriado de suas identidades, movimento contrário ao anterior, que era o de negação. É obvio, que não se pode generalizar, pois o processo é constante e particular em cada indivíduo, entretanto, atualmente percebe-se esse fortalecimento, inclusive no que tange à união dessas mulheres dentro do próprio movimento feminista. A discussão sobre recortes raciais, como destaca Cardoso (2013), perpassa debates sexistas, raciais e de desigualdades sociais, importantes para compreensão dessas opressões.

Além disso, é observável atualmente, especificamente neste ano, após o grande impacto do movimento *Black Lives Matters*, iniciado nos Estados Unidos após o assassinato de George Floyd, gerando comoção em nível mundial, a ampliação desse tipo de debate no Brasil. Diante disso, tem-se emergido referências para tantas outras mulheres; da angústia e da opressão, do medo e da violência, já era tempo de ressignificar o que é ser negro na sociedade, principalmente, o que é ser uma mulher negra e os lugares que ela pode e deve ocupar, desconstruindo estigmas que lhe foram impostos em toda a sua existência desde o momento em que foi inserida no país.

2.7 A IMPORTÂNCIA DA RESSIGNIFICAÇÃO DO QUE É SER NEGRO(A)

No que se refere à inserção do negro no país, como já mencionado anteriormente, há papéis pré-estabelecidos para essas pessoas ocuparem, os quais

irão se concretizar em estigmas. Goffman (1988, p. 12 *apud* Pedrotti 2019), expõe o indivíduo estigmatizado como aquele que não está apto para uma aceitação social. Isso ocorre devido às expectativas projetadas, tais expectativas, considerando nosso contexto banco-normativo, visam um padrão de normalidade, ou seja, aqueles que fogem dela, são estigmatizados e é justamente o que ocorre com a parcela negra da população.

Tal movimento acontece, segundo os autores, devido ao fato dessas expectativas sociais serem quebradas, abrindo espaço para intolerância, causada pela tensão devido à diferença não aceita de determinada pessoa, no caso da negritude, as características que ligam à raça. O estigma é de todo negativo, depreciando o sujeito e marginalizando-o. Com isso, ao ser feito um recorte de gênero, espera-se que a mulher negra ocupe lugares como o de empregada doméstica ou profissões similares, como demonstra Pedrotti (2019). Nota-se, então, a limitação no que é possível ser exercido pelo negro na sociedade. Diante disso, ao levar em consideração essa realidade, percebe-se, portanto, a importância de ressignificar esses lugares, ampliando discussões com o intuito de desconstruir o que é ser negro(a).

Pedrotti (2019) ainda ressalta que, embora haja avanços nas lutas sociais, é notório a divisão dos papéis entre negros e brancos, pensando em um contexto macrossocial. Essa divisão atravessa oportunidades de trabalhos, papéis e a própria perspectiva racista que se mantém estruturada sob estes indivíduos. Retomando o conceito de estigma, tal perspectiva afeta suas relações sociais, impactando também na perspectiva que o sujeito tem de si mesmo, refletindo na forma como este se coloca e se percebe no mundo. Com isso, Goffman (2009 *apud* Pedrotti, 2019) compreende o conceito de *self* como resultado de um processo social de padrões que são previamente estabelecidos pelo meio social a partir das relações interacionais. Conclui-se, portanto, de acordo com Souza (2019), que o culturalismo racista tem domínio sobre a interpretação e justificação do racismo na atualidade, para que isso seja reformulado é necessária a reconstrução de uma totalidade alternativa que vise desconstruir o pensar conservador e elitista em nossa sociedade, construindo novos sentidos, dentre eles, o sentido crítico.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

A formação de identidade de um indivíduo é significada ao passo em que ele entra em contato com o outro e com novas experiências. Sabendo que a sociedade tem um papel mediador nesse processo, e levando em consideração que vivemos em uma que é estruturalmente racista, quais serão as implicações na constituição da identidade da mulher negra?

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de formação de identidade da mulher negra na contemporaneidade.

4. MÉTODO

O presente trabalho terá como método a análise de discurso, tendo como objeto de estudo o discurso propriamente dito, que será coletado a partir de um conjunto de entrevistas disponíveis a fim de compreender o processo de constituição histórica e identitária de um sujeito. Desse modo, a partir do que há disponível para coleta de dados será realizada uma análise de discurso.

Antes de adentrarmos à descrição de como procederá o método propriamente dito, é importante ressaltar o conceito de discurso e sua importância, assim como as contribuições da Psicologia Social nesse processo. Segundo Machado (2008), o discurso é considerado um instrumento no qual concretizam-se práticas políticas, sociais e suas demandas. Nesse sentido, entende-se que através da linguagem, analisando-a minuciosamente, pode-se compreender sua bagagem constituinte. Sendo assim, pode-se destacar o papel da Psicologia Social que, através de sua prática científica, tornará possível a compreensão desse discurso e dos processos envolvidos, assim como a construção de novos sentidos. Diante disso é explícito o discurso como nosso objeto de pesquisa, entretanto deve ser levado em consideração, o tempo, o contexto e as condições de produção daquele discurso. Para isso, alguns pontos devem ser considerados para uma análise mais completa. De acordo com Wiggins; Hepburn (2007 *apud* Rasera, 2013), o pesquisador deverá alinhar as questões referentes à própria pesquisa ao discurso, considerando sua construção e função, incluindo sua organização na vida social. No que se refere ao processo de coleta de dados, o referido autor ressalta que o material a ser analisado dependerá da problemática a ser pesquisada, sendo assim, o conteúdo dentro de uma

análise de discurso pode incluir conjunto de textos, entrevistas ou o que estiver disponível para o pesquisador, desde que este explicita de maneira detalhada a natureza do material analisado. Já em um momento de análise desses dados coletados, é necessário que seja realizada uma leitura intensiva e cuidadosa do material, considerando nuances e todos os detalhes presentes discurso. Neste momento da construção, o trabalho contará com a inserção de trechos do material coletado, no qual serão incluídos detalhes da interpretação realizada e das afirmações produzidas após análise. Por fim, o autor ainda enfatiza que, tal método possibilita que, o conhecimento produzido possa posteriormente ser utilizado a fim de promover questionamentos, identificações opressoras na construção do sujeito, assim como possibilitar um convite às mudanças políticas e sociais.

4.1 COLETA DE DADOS

Serão utilizados conteúdos expostos em vídeos e textos que, preferencialmente, contenham a narrativa de Marielle Franco. Sendo assim, os dados serão coletados a partir de entrevistas que foram realizadas com ela, ainda em vida, e que foram publicadas em plataformas digitais como o *youtube* e demais plataformas de informações midiáticas. Além disso, também será utilizado como meio para coleta de dados, o documentário “Marielle – O Documentário” publicado em março de 2020. A preferência por materiais que contenham a narrativa da própria personagem é de significativa importância, pois será a partir deles que será possível identificar fragmentos que constituem seu processo identitário. Desse modo, para fins complementares serão utilizados artigos científicos contendo conteúdos sobre elementos constitutivos do processo de formação de identidade da mulher negra, os quais também foram publicados em plataformas digitais como *scielo* e *pepsic*.

4.2 ANÁLISE DE DADOS

A partir da análise discursiva é possível analisar sob quais perspectivas o plano discursivo se constrói. De acordo com Deusdará e Rocha (2005), o método possibilita a articulação da linguagem do sujeito com a realidade em que este está inserido. Para isso, é preciso que haja um ancoramento sócio histórico dos fatos analisados. Diante disso, ao entrar em contato com a narrativa de Marielle Franco através das entrevistas publicadas, será possível identificar personagens, os quais de acordo com Ciampa (1997, p.134 *apud* Alves 1997, p.23), serão a forma empírica assumida pela identidade. Nesse sentido, a história de vida exposta, no decorrer de toda a sua

trajetória, de acordo com Alves (1997), possibilitará a compreensão da dinâmica do sujeito, assim como sua totalidade, suas nuances e sentidos. Entretanto, é válido enfatizar que apesar de a análise apoiar-se em referenciais teóricos como o que é proposto por Ciampa, o qual refere-se ao processo identitário como metamórfico, estando constante transformação, deve-se fazer ressalvas diante de nossas limitações, tendo em vista que, o referido autor constrói seu método a partir da história de vida narrada pela própria personagem, em um contato real entre o autor e narrador, diferentemente do que faremos aqui, dado que serão utilizados relatos coletados por terceiros através de entrevistas que foram publicadas posteriormente, desse modo, seguiremos construindo o método em função do material disponível. Apesar disso, Reis (2002) elucida que a análise e interpretação dos dados possibilitarão a compreensão dessas personagens que compõe a história pessoal do indivíduo, sendo parte de sua formação identitária. Sendo assim, a análise procederá da seguinte forma: após a coleta do material, estes serão assistidos atenciosamente a fim de destacar elementos constituintes que visem fomentar o problema de pesquisa, feito isto, tais fragmentos serão analisados e expostos articulando-se à perspectiva sócio histórica da Psicologia Social, buscando alinhar uma lógica sequencial e explicativa.

5. A TRAJETÓRIA DE MARIELLE FRANCO E A RELAÇÃO COM SEU PROCESSO IDENTITÁRIO

A presente narrativa foi construída a partir de personagens que foram emergindo na trajetória de Marielle Franco. Tais personagens dizem respeito a sua vivência e construção identitária, constituindo a mulher negra que foi, com isso, foi levado em consideração todos os aspectos presentes em suas falas que denotam seus processos. Levando em conta o que é ser mulher e negra em uma sociedade machista e racista, é possível observar o lugar onde Marielle foi inserida e como o superou, sem esquecê-lo, quando faz questão de explicitar que é cria da Maré, sua primeira personagem. Marielle aponta também, em suas falas, uma segunda personagem, que é a mãe adolescente que não foge das estatísticas, ponto necessário de ser destacado na análise, devido à realidade em que a mulher negra e favelada é inserida. Além disso, é possível observar, que Marielle foge dessa estatística, em um primeiro momento, quando consegue criar sua filha, entretanto, não é isenta de ser vítima de machismo, colocando-a, novamente, dentro do contexto de mulheres que sofrem agressões domésticas. Além de, novamente, ser inserida no lugar da mãe que cuida e que cria da filha, tendo, portanto, que apropriar-se de uma outra personagem: aquela que deixa seus estudos, mas que posteriormente o retoma.

Todas essas vivências de Marielle foram constituindo quem ela foi. Diante disso, no decorrer de seu processo metamórfico é observado a ressignificação de quem se é: da condição de apenas favelada, assume com propriedade e orgulho, o termo. No atuar, na militância e na luta pelo direito de tantas outras mulheres e vulnerabilidades, segue constituindo-se. Entretanto, dado a estrutura social de nossa sociedade, a militância pode ser observada como um movimento constante de resistência e afirmação da identidade da própria Marielle. Observa-se, portanto, a partir da presença de diversas personagens, as nuances presentes na formação de quem se é, lembrando que é um processo de constante construções e desconstruções. Desse modo, o apontamento desses elementos se faz necessário para traçar uma análise de sua construção identitária, articulando-se com a teoria proposta por Ciampa sobre identidade.

5.1 MARIELLE E SUAS PERSONAGENS

No decorrer de sua trajetória, emergem alguns personagens, os quais se articulam com o meio em que está inserida. Segundo, Junior; Lara (2017) essas personagens são representações dos sujeitos, dos seus papéis e daquilo que desempenham socialmente a fim serem reconhecidos enquanto indivíduos portadores de uma identidade. Esses papéis articulam-se e são vivenciados pelos indivíduos, de uma forma não estática, transformando-se ao longo do processo. Com isso, os autores enfatizam que é exatamente essa pluralidade nas representações de *quem-se-está-sendo* que configuram a identidade de uma pessoa. Além disso, de acordo com Almeida (2007), essa constituição de personagens é necessária para a construção de sua história que, por sua vez, será constituída a partir da relação com o outro. Nesse sentido, as relações sociais ocupam um papel importante na construção da subjetividade de uma pessoa, pois de acordo com Ciampa (2001 *apud* Junior; Lara 2017), essas relações ao contribuírem para o processo de formação de identidades individuais, se expressarão também, no coletivo. Essas atuações são importantes, porque a vida é movimento e o processo de formação identitária se (re)constrói cotidianamente, portanto, se não há movimento, não há vida, desse modo, caminha-se para a morte dessas representações. Diante disso, serão expostos fragmentos da fala de Marielle Franco, explicitadas no decorrer de sua vida, com o intuito de expor essas personagens que por ela foram vivenciadas.

5.1.2 Marielle como “cria da Maré”: da adolescência à maternidade

“Muitas histórias, mas vamos lá escolher algumas, porque acho que isso é importante pra gente dialogar com a mulherada, com a juventude. É, enfim, até a adolescência eu era uma adolescente favelada que jogava taco, brincava de bola de gude, de bicicleta e tava no meio da rua, com regras, enfim, tenho uma irmã mais nova, uma família de formação católica-cristã, com mais rigor.” (CHRISTINA; FALCÃO, 2017, 0:22 min)

“E aí eu era adolescente que vai descobrindo o futebol, a galera, os bailes. E era uma realidade muito dúbia. Fui catequista durante décadas, tinha toda essa formação católica, buscando o debate da juventude, mas uma juventude que eu fiz PJ, fui pra missão afro. Eu participei de momentos da igreja ainda no final da teologia da libertação, que era um lugar de acolhimento e de pensar politicamente. Ao mesmo tempo que eu fugia daquilo ali pra ir pra todos os bailes funks do Rio de Janeiro”. (CHRISTINA; FALCÃO, 2017, 02:51 min)

Nos fragmentos expostos acima, observamos já alguns personagens sendo vivenciados desde o nascimento de Marielle. Em um primeiro momento, temos Marielle enquanto cria da Maré, nascida em uma favela na cidade do Rio de Janeiro. Em sua adolescência, experiencia a cotidianidade de sua realidade, quando explicita as brincadeiras e jogos que costumava brincar. Além disso, representava também a filha de formação católica-cristã, tendo uma criação mais rigorosa nesse sentido, embora também vivenciasse a adolescente inserida em um espaço cultural, frequentando bailes *funk*. Neste primeiro momento, inserida em um tempo e em um espaço, Marielle em sua personagem, vivencia a relação dialética que é estabelecida com o meio, a qual é fundamental para o início de seu processo identitário. Desse modo, levando em consideração que para Ciampa (2001), o sujeito é capaz de se reconhecer a partir do momento em que é reconhecido pelo outro – e que este outro, de certa forma, ditará o seu lugar na sociedade, teremos na constituição subjetiva de Marielle, enquanto mulher negra, a construção de outras personagens com papéis pré-estabelecidos socialmente, limitadas em sua busca por emancipação. Por emancipação, entende-se, segundo Almeida (2017), a possibilidade de exercer a liberdade que é do indivíduo por direito. Diante disso, o autor expõe que esse conceito engloba o sentimento de pertencimento do sujeito em seu meio, sendo por ele reconhecimento. Ao pensarmos em uma estrutura racista, como ainda expõe o autor, existem impasses para a superação dos aniquilamentos sociais.

“E aí não fugindo a regra do que a gente vê, vive, constata e tá se descobrindo, eu fui mãe com 19 anos. Com 18 anos eu engravidei. E foi muito impactante, assim, porque ao mesmo tempo eu já me reivindicava enquanto favelada, tava entrando no pré vestibular comunitário, mas eu passei muito mal no início da gravidez, então eu larguei os estudos, de novo, não fujo da regra das meninas que são mães nessa adolescência.” (CHRISTINA; FALCÃO, 2017, 03:45 min)

Neste momento, outra personagem é vivenciada: a Mãe. Ao enfatizar:

“não fujo da regra das meninas que são mães nessa adolescência”

Marielle, em sua singularidade, expressa um coletivo, não apenas no tornar-se mãe adolescente, mas também nos conflitos que estão envolvidos nesse processo. Com isso, observamos já um primeiro impasse em seu processo emancipatório ao engravidar no período em que estava ingressando no pré-vestibular. Levando em conta que, parte do emancipar-se, de acordo com Almeida (2017), está relacionado à

construção de novos sentidos, do aumento de liberdade subjetiva, de autonomia e de participações igualitárias em um meio social – esta última, é visivelmente impossibilitada quando, devido à maternidade, a personagem precisa deixar o curso pré-vestibular.

“Então eu abandono e só volto pro pre vestibular em 2000 pra 2001, já com a filha pequena [...] Eu volto a trabalhar, a Luyara tinha 3 meses. É obvio que eu vou sempre lutar pelo direito das mulheres, pelo aleitamento, pelas suas férias atrasadas, pelo seu direito de cuidar do filho e da filha, não é a toa que a gente reivindica tanto por legislação trabalhista. Mas eu tinha passado por um concurso depois não pude assumir porque tava grávida, depois fui ser recreadora infantil e a Luyara tinha que tá com alguém. Ainda bem que la tinha um berçário, então ela vai trabalhar comigo com 3 meses. Então, o impacto da nossa vida, e o impacto de ser mãe muito jovem e com essa pouca estrutura, já começa desde daí.” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 04:52 min)

A partir do fragmento exposto, destacamos, mais uma vez, as limitações rumo à emancipação de uma mulher negra e favelada, pois embora Marielle tivesse exposto que buscava:

“lutar pelo direito das mulheres, pelo aleitamento, pelas suas férias atrasadas, pelo seu direito de cuidar do filho e da filha, não é a toa que a gente reivindica tanto por legislação trabalhista.”

deparava-se com uma realidade limitante.

“eu tinha passado por um concurso depois não pude assumir porque tava grávida”,

Além disso, ao destacar:

“o impacto da nossa vida, e o impacto de ser mãe muito jovem e com essa pouca estrutura, já começa desde daí.”

Expressa nitidamente o que Almeida (2017) discutirá sobre processos emancipatórios e seus conflitos em uma sociedade que oprime. Por outro lado, são esses movimentos de opressão que impulsionaram Marielle em sua militância e luta pela garantia de direitos, assumindo, a partir daí outra personagem: a militante. É observado nesse movimento que, na luta pela garantia de direitos de uma coletivo, Marielle também se

reconhecia neste outro e buscava também, não só a emancipação do todo, mas a sua própria.

5.2 MARIELLE E A BUSCA POR EMANCIPAÇÃO

A identidade humana “somente pode ser compreendida como metamorfose em busca de emancipação” (CIAMPA, 2003 *apud* ALMEIDA, 2017). Diante disso, é observado no processo de Marielle essa busca por emancipação, enquanto tenta superar opressões, seja elas quais forem. Neste momento, cabe destacar que enquanto mulher, ela está inserida em uma sociedade machista, na qual o homem, por meio da dominação, tenta submeter mulheres aos mais diversos tipos violências (psíquicas, físicas e verbais).

5.2.1 O rompimento de um ciclo

Um dos movimentos de Marielle rumo à emancipação e superação dessas opressões, é o rompimento da violência que sofria dentro de casa com seu ex-marido.

“Teve violência, acho que tinha desde a violência muito sutil, se é que a gente pode dizer esse tipo de possibilidade de violência, e outras formas de violência, assim, eu fui agredida fisicamente. Tive só um maxilar descolocado, que eu precisei ir para o hospital fazer e acompanhar e registrar queixas na 21° DPs”

Ao relatar sua experiência enquanto mulher, Marielle expõe também a realidade de tantas outras mulheres em nossa sociedade. Se levarmos em consideração o fato de estarmos estruturados em uma sociedade machista, na qual o homem apropria-se do seu lugar de privilégio, fazendo uso da dominação para violentar direta ou indiretamente mulheres. Além disso, outro fator deve ser destacado que é o lugar que essas mulheres ocupam socialmente: o papel da mulher que deve ser dona de casa, provedoras dos cuidados da família. Essa é mais uma personagem vivenciada por Marielle.

“Ao longo do tempo, pensando e refletindo sobre isso, imagina, eu tô com uma filha, ficava em casa e o cara saía, chegava no outro dia de manhã, ou alterado pra dizer o mínimo e a bela, recatada do lar deveria ficar em casa aguardando, meditando, rezando com a filha e com tudo certo, rezando pra voltar”

Além disso, expõe:

“não tinha divisão sexual do trabalho, divisão do trabalho no sentido de cuidado da filha, em hipótese alguma, nem de trabalho [...] aí é a hora que recaí muito

sobre a mulher, é a hora que recai sobre a mãe objetivamente” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 1:58 min)

Por outro lado, nota-se seu incomodo frente a essa imposição. A personagem não mais tolera estar submetida aos desejos do homem.

“Então isso tem uma marca pra mim em determinado momento quando eu assumi que eu falei ‘ué, se você pode, eu também posso’ e uma das partes desse lugar da violência foi isso. Numa noite que eu deixei a Luyara com a minha mãe e aí fui pra farra, fui pro lugar onde eu deveria ter saído nunca, que acho que é o lugar de composição da vida. E o retorno foi da violência” (NINJA, 2016, 6:55 min).

É válido enfatizar uma frase que chama particularmente a atenção:

“é o lugar de composição da vida”

Marielle expõe essa frase logo após enfatizar o lugar de onde nunca deveria ter saído, o questionamento é: que lugar seria esse? De acordo com Habermas *apud* Bannel (2009) citado por Almeida (2017), a emancipação está associada não somente à busca pela liberdade, mas também ao acesso à ela, ao acesso a uma maior participação política a social, o que inclui adentrar aos mais diversos espaços, é ter igualdade de direitos, é portanto, ter liberdade subjetiva e maior autorrealização. Desse modo, o incomodo causado pelas múltiplas opressões (gênero, raça e classe) impulsionou Marielle à reflexão sobre o lugar em que estava, sobre o que foi submetida e onde, de fato, queria estar: exercendo plenamente sua liberdade. Diante disso, outra questão surge: Marielle, enquanto mulher, negra e favelada, de fato atinge uma liberdade plena, isenta de opressões ao buscar emancipações?

“Pra mim foi fundamental voltar para o pré-vestibular, foi fundamental voltar ao processo de educação, porque aí eu tinha certeza absoluta de que eu precisava estudar mais pra trabalhar mais, pra ganhar mais, pra conseguir romper com aquele ciclo.”

Ao desejar romper com o ciclo, Marielle traz à tona o que Almeida (2017) pontua a respeito da busca e construção de novos sentidos. Para a personagem, neste momento, essa busca por novos sentidos se dá no ingresso ao meio acadêmico.

“E aí em 2002 eu entro pra PUC, aí quando eu comecei Ciências Sociais, no final de 2001 pra 2002 eu termino a relação, consigo romper com aquele ciclo

ali de violência, de relacionamento abusivo, de relacionamento perfeito.”
(CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 1:58 min).

E complementa:

“Então, romper com isso, eu não tenho dúvida que foi a partir da minha interação e da minha busca por conhecimento e conhecimento mais amplo, que depois se concretizou com a minha entrada na universidade. De tá entendendo o que é você ampliar repertório” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 1:58 min).

Essa interação e busca por conhecimento possibilita sua emancipação. Entretanto, embora a personagem tenha rompido com um ciclo, o que marca o início de seu percurso emancipatório, é válido salientar que, o alcance à emancipação não é imutável, ou seja, não garante ao sujeito sua total autonomia, o que traz à tona que a emancipação de um indivíduo, não necessariamente o liberta de outras opressões, como ressalta Almeida (2017), os sujeitos não estão inseridos em uma única categoria social. Marielle, por exemplo, além de mulher, é uma mulher favelada. Neste momento, configura-se em outra personagem – lembrando que elas se articulam entre si, constituindo sua identidade.

“Eu chego na PUC muito como “A favelada”” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 6:42 min)

No fragmento exposto, Marielle expressa um pouco mais sobre os empasses nesse processo emancipatório, enfatizando também como o ingresso à uma universidade foi um caminho em busca dessas emancipações – emancipações no plural, pois compreendo a impossibilidade de emancipar-se de forma singular de todas as opressões. Além disso, foi um momento em que abriu espaço para dialogar com sua própria identidade, possibilitando o aparecimento e resgate de sua personagem que é uma mulher negra e favelada.

5.2.2 O ingresso em uma Universidade privada: um ambiente majoritariamente branco

“É, a gente tá falando de alto poder aquisitivo. Eu chego na PUC muito arredia, assim, muito ‘não ia ter nada no meu caminho’. Então, não foi a toa que eu briguei muito, eu discuti muito, eu discuti com professor, eu discuti com gente, não aturava, eu brigava, brigava com tudo. Era uma questão aí também de sobrevivência.”

Neste relato de Marielle, é necessário destacar algumas afirmações que são marcantes em seu processo identitário. Em um primeiro momento, ao enfatizar que seu movimento:

“era uma questão aí também de sobrevivência”

Explicita a posição defensiva do negro na sociedade. Não é incomum, em um ambiente majoritariamente branco e de alto poder aquisitivo, o indivíduo negro sentir seu lugar ameaçado, levando em consideração o fato de que pessoas negras já não tem espaço um igualitário para ocupar. Neste momento, cabe lembrar que ao sujeito racializado³ é atribuído estereótipos negativos, devido à cor de sua pele, levando-o à um complexo de inferioridade, no qual devido à posição em que é previamente colocado, este sujeito percebe-se em um lugar inferior, precisando constantemente estar se afirmando em um espaço. Neste caso, a personagem de Marielle, em sua postura defensiva, até um tanto agressiva, buscava preservar o lugar que tinha acabado de ocupar: a universidade, garantindo a sua sobrevivência nele.

Em um momento posterior destaca:

“Então assim, tinhas umas coisas dessas assim que era muito espontâneo, mas era muito de buscar trazer aquela realidade que muita das vezes era colocava só o pejorativamente, que era o lugar o bandido, total estereotipado ou romantizado. E eu sempre reivindicando. Acho que o papel do pre-vestibular foi fundamental e eu sempre reivindicando esse lugar de favelada. Então eu queria ser chamada, eu queria ser identificada, eu já trabalhava, eu já dava aula em outras favelas, então eu queria apresentar isso. Ressignificar o título.”

Diante disso, é possível perceber a importância da resignificação de suas personagens: a mulher negra e favelada, trazendo à tona o que Ciampa (2001) expõe sobre o que é o processo metamórfico dentro da constituição identitária de uma pessoa – que é essa constante transformação do que se é. Neste momento, isso tem grande importância para Marielle, pois ao reivindicar para o outro, terá a chance de se reconhecer também a partir dessa nova perspectiva. Esse movimento de ser reconhecida pelo outro, para também se reconhecer, é parte fundamental do que entendemos sobre processos identitários e Marielle deixa isso explícito ao expor:

³ Conceito utilizado por Frantz Fanon ao referir-se ao indivíduo estigmatizado pela branquitude devido a sua raça.

“Então eu queria ser chamada, eu queria ser identificada”.

A partir disso, emerge uma outra personagem: a mulher negra. Nesse processo de reconhecimento, Marielle expõe a importância de referências em seu processo – o movimento de se reconhecer em um outro semelhante para se identificar.

“O debate da negritude nesse momento não tava colocado, isso é algo importante. Eu pego o departamento das ciências sociais depois de ter passado a Lélia Gonzalez, depois eu só vou entender isso quando eu tive aula com uma outra professora que era negra, que era parecida, porque numa outra aula que eu tive de gênero e raça a professora não citou a Lélia Gonzalez como diretora daquele departamento.”

Além disso, expõe:

“Né, então assim, o apagamento e a negação das nossas histórias vem por vários âmbitos, porque foi fundamental pra mim encontrar e saber que a Lélia Gonzales tinha feito parte da reestruturação daquele departamento das ciências sociais e isso me trouxe, isso me ajudou a compreender quais eram as disputas que estavam ali.”

Ao destacar:

“o apagamento e a negação das nossas histórias vêm por vários âmbitos”

e ao se incluir no “nossa”, sua personagem se identifica com tais apagamentos. Além disso complementa que:

“foi fundamental pra mim encontrar e saber que a Lélia Gonzalez tinha feito parte da reestruturação daquele departamento das ciências sociais e isso me trouxe, isso me ajudou a compreender quais eram as disputas que estavam ali”

E a partir deste relato que é, de todo simbólico, podemos enfatizar que essa nova perspectiva começa nortear o processo de Marielle, não só em busca de emancipação – a qual é constante, mas também rumo à compreensão das implicações de ser uma mulher negra na sociedade. Este momento é de grande importância para o desenrolar de todo processo de Marielle, pois é a partir dele que passa a compreender amplamente seus processos identificatórios. Além disso, ao colocar em xeque os debates raciais, possibilita o surgimento de outras personagens que continuam articulando entre si.

5.2.3 O envolvimento com movimentos sociais: da militância ao ingresso à política

“Desde os anos 2000 que eu tô numa atuação dentro dessas instituições aqui na maré, fazendo esse trabalho, com favela, com cultura, com educação. Esse lugar que, sim, é marcado por uma violência de todos os lados, onde a gente tá exposto à opressão por muitas das vezes.”

Marielle se envolve desde cedo com a militância, entendendo desde cedo a marginalização de quem mora na favela. Em um primeiro momento, não trazia à tona debates raciais, mas não se descolava dos debates de gênero e classe. Com seu envolvimento na militância, podemos identificar na personagem, sua busca por emancipação.

“Eu não tenho dúvida, que o meu lugar hoje, de defensora da pauta das mulheres, pra além do feminismo que tá colocado, porque eu já era feminista, eu já disputava a questão da mulher, eu sou mãe de uma menina, né, sou casada com uma mulher, enfim, pra todas as questões que me tocam com relação a questão da mulher [...] aí que a pauta virou o debate de gêneros e direitos humanos central que me constitui até hoje.”

Como já exposto por Almeida (2017), ao mencionar a teoria proposta por Ciampa, o processo emancipatório é a busca por liberdade para exercer seus direitos – sua própria liberdade, deste modo, o que seriam os movimentos sociais, senão a luta pela garantia desses direitos que à tantas pessoas são negados? Marielle expressa isso ao pontuar:

“pra todas as questões que me tocam com relação a questão da mulher [...] aí que a pauta virou o debate de gêneros e direitos humanos central que me constitui até hoje.”

A partir disso, é nota-se que, a busca por direitos, através da militância, nada mais é do que a busca por emancipações pessoais, as quais configuram-se em um coletivo. Diante disso, temos a luta social como meio para emancipar-se – neste momento cabe também explicitar uma dualidade: a representatividade e emancipação de Marielle como perspectiva para outras mulheres, mas também o fato de que uma história pode não se configurar como realidade para tantas outras, levando em consideração a realidade singular de cada mulher negra na nossa sociedade, por isso a importância de não “considerar a identidade como um simples conceito descritivo das características de indivíduos e problemas sociais” (ALMEIDA, 2017. p. 2).

5.2.4 A luta pelos direitos humanos

Ao pensar na luta pela garantia de direitos visando uma emancipação coletiva, é importante destacar também o seu caráter individual.

“Vamos juntos, coletivamente, pautar o debate da favela, o debate de gênero, nessa cidade que é tão excludente. E assim se constitui hoje os três pilares, do que a gente tá chamando da campanha, que é o debate de gênero, o debate de raça (o debate da negritude, da ancestralidade), quem são essas mulheres negras que estão na favela. Seus filhos, suas perdas, suas lutas, seus trabalhos. Essa tríade, gênero, raça e cidade.” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 15:14 min)

Marielle, ao falar de um coletivo

“vamos juntos, coletivamente, pautar o debate da favela, do debate de gênero, nessa cidade que é tão excludente”

fala também de identificações pessoais com o outro. Em suas tantas personagens, é observada sua identificação com tantas outras ao colocar em pauta o debate da favela e de gênero – o que traz à tona suas próprias personagens. Com isso, temos o que Ciampa (1987 *apud* Almeida, 2017) revela ao expor que, a partir das relações sociais, se configura também a identidade pessoal de um sujeito. Tal movimento é expresso na seguinte fala:

“Eu fico preocupada sim com o ponto de ônibus, com a circulação das mulheres, com a iluminação, com a vida das mulheres negras, com as maternidades, sabe, assim, coisas que eu vivi ou que as minhas amigas, família, mulheres vivem. Então, assim, precisa ter uma interação com isso”

Quando expõe:

“sabe, assim, coisas que eu vivi ou que as minhas amigas, família, mulheres vivem. Então, assim, precisa ter uma interação com isso”

Diante disso, é válido enfatizar quais aspectos mobilizam um indivíduo a se unir a um grupo e expressar seus interesses. Em primeiro lugar, destaco o sentimento de pertencimento. Se refletirmos sobre o local excludente que o negro ocupa em nossa sociedade, chegaremos, sem muito esforço, ao movimento importante de se sentir pertencente a um grupo – uma das mobilizações que os fazem se unir aos seus semelhantes. Marielle traz isso ao expressar:

“E aí a gente começa a viver na prática o ‘Eu sou porque nós somos’ que foi o lema do processo eleitoral” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 15:41 min)

Desse modo, o surgimento de movimentos sociais, se configuram justamente pela união daqueles que foram oprimidos e não mais toleram essa condição – não que antes houvesse uma tolerância, o que acontece aqui, é a ampliação da perspectiva do lugar que se ocupa em relação aos possíveis lugares que poderiam estar ocupando se não fossem excluídos. É exatamente esse movimento de ampliar perspectivas que possibilita à personagem de Marielle não se configurar em uma mesmice, a qual se caracteriza, de acordo com Ciampa (2009 *apud* Filho; Santos 2017) por uma perspectiva de não-metamorfose, pois o indivíduo encontra-se estável, não havendo um processo transformatório – é o impedimento da emancipação. Acerca disso, é válido salientar que, ainda de acordo com os autores, essa condição não é inerente ao indivíduo, mas sim resultado do agir social. Desse modo, para a busca de novos sentidos, o conceito não se esgota na liberdade de exercer seus direitos, mas também se estende ao conhecimento para que assim o sujeito possa se apropriar desses sentidos. E é exatamente nesse movimento que Junior; Lara (2017) articulam o conceito de “mesmidade”, também proposto por Ciampa - considerada pelos autores como a apropriação de novos sentidos, a partir de um processo criativo, da metamorfose e de novas significações, materializando-se na própria bagagem de vida do sujeito, no qual há criação e o coexistir de personagens, ao contrário da “mesmice” que não há esse tipo de articulação.

5.2.5 Aspectos mobilizadores

Em um país racista, a democracia é para quem? É importante levar esse aspecto em consideração, pois se retomarmos o período da escravidão, algo semelhante era proclamado: o mito da democracia racial, a qual forjava uma relação benevolente entre senhores e escravos. Pensando nisso, devemos salientar que nosso país foi o último a abolir a escravidão, ou seja, o último a deixar de explorar explicita e impiedosamente os negros. Partindo disso, um dos aspectos mobilizadores que atravessam a trajetória de Marielle é o recorte de gênero atravessado pela racialidade

“Eu fico muito feliz de tá participando desse momento de ascenso, desse momento de crescimento, da pauta do processo democrático, mas com viés da

luta feminista, né. A democracia tem que ser feminista, principalmente do lugar da onde eu falo, do lugar de origem, da favela.”

Enquanto mulher, Marielle entende a importância de lutar pelos direitos de outras mulheres. Ao referir-se à uma democracia feminista, expressa a importância de pautas femininas serem levadas em consideração, além disso, destaca seu lugar de origem, o que nos dá margem para interpretar os diversos atravessamentos sociais que oprimem as mulheres por todo o Brasil. Em sua fala, ainda expõe um desejo:

“ir saindo desse lugar tão desparitário”

Além disso, explicita

“Ao longo do processo, a gente consiga ir saindo desse lugar tão desparitário pra conseguir uma qualidade na equidade das mulheres. A gente não quer nem mais nem menos, a gente quer equidade.” (MOTTA, 2017, 06:02 min)

a fim de garantir uma equidade, declara um dos motivos que a mobilizaram à ingressar na militância e posteriormente a disputa de um cargo político.

“Esse é um lugar que a gente precisa ocupar, de desnaturalização e de compreensão do quanto que a gente precisa tá ocupando novos espaços, novos lugares públicos pra conseguir falar sobre mortalidade materna, falar sobre a violência que essas mães estão expostas” (FIOCRUZ, 2017, 20:16 min)

Continuando a linha de raciocínio, a partir do aspecto “luta por equidade” como mobilizador em suas lutas contra opressões e garantia de direitos, a personagem vai relevando ao longo de sua trajetória a necessidade de ocupar novos espaços, não falando apenas no singular referindo-se a si própria, mas trazendo, novamente, um coletivo, expondo a urgência de outras pessoas negras, assim como ela, ocuparem determinados espaços. É o que expõe ao dizer

“A gente precisa. Eu acho que agora o salto é como que as nossas pautas, na nossa representatividade, a nossa disposição de lutar, de ocupar, precisa ser ampliada”.

Essa ocupação, esse “salto” ao qual se refere, alinha-se com o conceito de emancipação proposto por Ciampa (1987 *apud* Almeida, 2017). É por esse caminho que suas personagens se transformam e articulam-se nesse processo metamórfico e

emancipatório, possibilitado pelos movimentos sociais, pela garantia de direitos, livre expressão, participação política e social.

5.2.6 A chegada de uma mulher negra na câmara e resistência enquanto mulher negra no parlamento

No que se refere à chegada de uma mulher negra em um espaço majoritariamente branco e com cargos ocupados por homens, tal chegada configura-se em um choque para a estrutura patriarcal e racista de nossa sociedade. Primeiro pela não tolerância à uma mulher em um cargo de poder, de tomada de decisões. Marielle ao ser eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro, vivencia uma outra personagem, embora não deixe as outras que a constituem: de mulher, negra e favelada.

“Então a gente chega na assembleia legislativa em 2007 propondo e falando de milícia, de direitos humanos, mas com uma casa que não tá acostumada ao nosso corpo, a nossa cor, a nossa vida, a nossa luta, negando esse direito.”

Nesse sentido, ao ingressar em um espaço majoritariamente branco e masculino, Marielle estremece a estrutura social, quebrando o imaginário de que o lugar de mulher é cuidando da casa e sendo submissa.

“Foi fundamental quando a gente começa a fazer uma autoanálise que a nossa história precisava estar aqui, quando a gente começa a ver quem tiver na comissão precisa ter essa cor, essa história, esse gênero, esse lugar de reconhecimento”

E complementa

“Se é vereador da cidade vai ter que aturar o constrangimento de ter uma mulher preta vereadora que não tá fazendo política de qualquer maneira não.”
(CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 14:56 min)

Sendo assim, ao estremecer as estruturas, causa incomodo àqueles que não são tolerantes à essas ocupações, pois ocupar tal espaço, significa emancipação diante da imposição social de submissão - e por emancipação, entende-se, a superação dos limites impostos em sua busca, os limites que são colocado pelo meio social que oprime mulheres, principalmente no que se refere às mulheres negras.

“A minha palavra é palavra de mulher, mas vale. Não é só palavra de homem que vale não. A gente faz debate pelo direito à vida.”

Neste fragmento exposto é explícito que, no parlamento, a personagem de Marielle usa sua voz e faz com que todos a escutem. O simbólico uso de um microfone, de estar em uma bancada acima das outras pessoas enquanto expressa sua fala, mostra nitidamente o que homens brancos engravatados não querem enxergar: uma mulher preta no poder. Só que, como já fora mencionado, ocupar um espaço, não significa que esteja isenta de ter que afirmar-se diariamente como ocupante desse espaço. Lembrando que, em uma sociedade racista, emancipar-se é uma luta diária, independentemente do local que você está ocupando no momento, pois a cor de sua pele e o lugar de onde veio – seja o lugar real ou o simbólico, construído pelo imaginário social, irá sempre prevalecer e, diante disso, o lugar da mulher negra em nossa sociedade sempre será marcado pela submissão, exploração e silenciamento.

Ao ressaltar:

“Dá pra vir sendo mulher e assumindo a responsabilidade de estar na linha de frente. Dá pra vir com nosso histórico de favelada e assumir um papel ali importante”

É perceptível que, mesmo após anos, a imagem do que é ser uma mulher negra se mantém. Se esta mulher não está servindo, ela torna-se inútil. Se esta mulher está ocupando um cargo, construído socialmente enquanto um cargo masculino, ela torna-se incomoda. Ser negra e emancipada em uma sociedade racista e patriarcal é incomodo e intolerável, por isso, é tentador aos homens, o constante silenciamento e menosprezo das mulheres ocupando outros espaços. Além disso, independente do lugar que essas mulheres estiverem ocupando, o imaginário de que são mulheres negras irá prevalecer e é isso que Ciampa (2001 *apud* Junior; Lara 2017) chamará de fetichismo da personagem – uma vez negra, oprimida, marginalizada, sempre negra, oprimida e marginalizada. Pouco importa o que está se tornando, pouco importa seus processos emancipatórios, inclusive, estes são a todo custo, barrados; pouco importa o que tem a dizer, pois se não está serviço do homem, sendo por eles explorada, então não servem. Até aqui, não temos nenhuma surpresa, dado que a lógica exploratória de homens sobre corpos femininos articula-se com a lógica capitalista do capital sobre o homem. Diante disso, o poder sobre o outro só existe, porque nesse jogo há alguém que explora e um outro que é explorado e foi exatamente sob essa estrutura que construíram nosso país e os impactos disso perpetuam até hoje.

5.3 MARIELLE E O FETICHISMO DA PERSONAGEM

Para compreensão do fetichismo da personagem e melhor entendimento da superação dessa condição, é importante retomar os conceitos já expostos sobre mesmice, mesmidade e a relação que esses conceitos tem com o próprio fetichismo, trazendo à luz pressupostos teóricos que justifiquem a importância do agir social nesse processo, o qual impacta diretamente na identidade de um indivíduo, podendo, inclusive, interferir em seu processo emancipatório, levando em conta essa articulação do singular com o universal. Diante disso, na mesmice, de acordo com Junior; Lara (2017) devido ao impedimento da emancipação, há a impossibilidade de atingir a natureza real da identidade do sujeito. É como se houvesse a identificação de si, mas não a ação para si – lembrando que a ação é movimento e movimento é transformação. Com isso, o sujeito é aprisionado no “mundo da mesmice” como salientam os autores – esse aprisionamento configura-se na fetichização da personagem, que é possível ser observado no fragmento a seguir:

“De conseguir manter o centro, inclusive pra dialogar e debater com eles no mesmo patamar, porque se deixar eu vou pra uma rota de colisão e aí a gente vai ser o que? A “nega maluca”, porque aí vai ser a “negra agressiva” né, vai ser a “negra que não consegue lidar, não sabe se portar nos espaços”, porque foi quase isso que eu ouvi hoje lá no debate” (UERJ, 2018, 10:38 min)

Nesse momento, Marielle expôs o cuidado para não cair nessa fetichização, justamente por já ter construído, sobre o corpo dessas mulheres, esse imaginário social de:

“A “nega maluca”, porque aí vai ser a “negra agressiva” né, vai ser a “negra que não consegue lidar, não sabe se portar nos espaços”

Com isso, sua personagem busca emancipar-se desse imaginário, há neste momento, diferentemente da mesmice, um movimento em busca de novos sentidos – ação para si, o que os autores chamarão de mesmidade, configurando-se na ocupação de novos espaços, reivindicando o que lhe foi imposto até então, não se limitando aos estereótipos, ou seja, emancipando-se.

Observado em:

“As mulheres querendo ser protagonistas, precisam lutar por já ter esse histórico, essa consciência do lugar da mulher na política, mas precisam estar

juntas da mulher que pode tá se sentindo fraca, que podem tá sentindo dúvidas, que podem tá acuadas, porque agressão é todo dia. A gente sofre violência todo dia.”

Fazendo referência às diversas opressões que precisam ser superadas diariamente pela mulher em nossa sociedade. A partir disso, Marielle conclui-se, por enquanto, a importância da reivindicação. Em outros momentos já foi exposto o quanto suas personagens reivindicavam seus papéis, ressignificando e superando estigmas – é exatamente essa a expressão da mesmidade, anteriormente mencionada. Esse movimento é observado no seguinte fragmento:

“É muita identificação, né, é isso. Se tem um canal e se tem uma história, né, e se a gente quer falar porque, imagina assim, chega aqui, não é só o debate da negritude, magina, eu sou casada com uma mulher, tenho uma filha adolescente, eu gosto de ir pro samba sim, eu gosto de usar a roupa que eu quiser, então tem toda uma disputa, tem todo um lugar do meu corpo que os outros vão olhar e vai desachar que eu vou ter que botar uma roupa x.. Tem que reivindicar a toda hora” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 8:37 min)

Principalmente em:

“Tem que reivindicar a toda hora”

Diante disso, traz à tona, outro aspecto: a realidade enfrentada por uma mulher negra e o conflito presente em seu processo em busca de emancipação. Por mais que ela esteja ocupando determinado cargo, isso não garante total emancipação, pois ela será sempre vista como uma mulher negra, precisando se afirmar constantemente, porque é esse o lugar que o negro tem na sociedade, é esse o lugar que a mulher negra tem, que causa incomodo quando a mulher se expõe e se apresenta. Com isso, questionamos a posição enquanto mulher em uma sociedade que a oprime e a deseja em um lugar de submissão e o fato também de ela ser negra, já que em uma sociedade racista não há o desejo de ver o negro ocupando outros espaço, senão aqueles socialmente impostos: o lugar do sujeito que é explorado. Desse modo, é possível perceber que esse movimento de buscar afirmar-se constantemente tem relação direta com o complexo de inferioridade que o negro tem dentro de uma sociedade branco-normativa.

Isso nos revela a impossibilidade de emancipar-se em totalidade, dado que, a emancipação não parte apenas do sujeito, pois há toda uma condição estrutural que o impossibilita. É notório ao observar os dados do IBGE que apontam a falta de acesso à educação, saúde e trabalho e quando há acesso, são em condições precárias, referindo-se, especialmente as mulheres negras. Diante disso, temos também outro aspecto importante para exemplificar a fetichização da personagem que sempre será vista pela cor de sua pele, nunca através dela. Se pensarmos na época da escravidão, em um momento posterior, quando ela é abolida, temos nitidamente um exemplo de não emancipação dos negros. Há a libertação dos escravos, mas tal libertação configura-se na emancipação destes?

Diante disso expressa-se o seguinte:

“A nossa diferença não é a origem, é o ponto de partida. Até hoje eu to me organizando para ter acesso.” (UERJ, 2018, 16:00 min)

Lembrando que emancipar-se diz respeito ao acesso também a participações políticas e sociais, como destaca Almeida (2017). Sendo assim, temos um contexto pós-abolição que negros não tinham um lugar na sociedade, eles foram simplesmente abandonados à própria sorte, ação que os fizeram retornar à exploração, afinal, de fato nunca foram isentos delas. Além disso, temos um contexto em que direitos sociais eram negados às mulheres também – e ainda são, levando em conta à realidade da sociedade patriarcal que vivemos.

5.3.1 Marielle e o seu lugar enquanto mulher negra

E trouxe essa perspectiva pra além da favela, do debate da negritude ele vai sendo acumulado ao longo do processo, então eu hoje to com um cabelo que eu quero, do jeito que eu quero, então vai ter dia que ele vai tá preso, vai ter dia que ele vai tá com turbante, vai tá pro alto, mas hoje, de 2013 foi a última vez eu relaxei, eu relaxei o cabelo por mais de 10 anos. Não era só porque era o boom da autoafirmação, que a gente, né, tem gente que levanta isso da gente hoje vive o boom da auto afirmação, ce tinha uma flexibilização do debate da negritude também na época, ao longo do processo é que a gente vai também acumulando.” (CHRISTINA; FALCÃO, 2017, 07:25 min)

Suas vivências enquanto mulher negra, nunca foram descoladas de seu processo, entretanto, há um momento em que Marielle começa a se apropriar dessas pautas, se entender enquanto pessoa negra que é racializada em uma sociedade

branco-normativa. Devido ao complexo de inferioridade, à negação de suas identidades, o indivíduo negro tende a se distanciar da negritude e de suas implicações. Esse movimento ocorre, pois no ato de se entender enquanto negro, está incluso todos os aspectos negativos que são atrelados a eles, portanto, a tendência é a negação e rejeição dos próprios corpos e de qualquer característica atrelada à negritude. É o que propõe, Reis (2002) ao dizer que indivíduo tenderá a resgatar os traços brancos que houver nele e, caso não haja, implementará através do processo de embranquecimento. Esse processo consiste em minimizar características da estética negra, acentuando as do branco, viabilizando maior inclusão social. Este movimento é observado nas vivência de Marielle:

“eu relaxei o cabelo por mais de 10 anos”

Entretanto, nesse mesmo processo, é possível observar sua superação, ao explicitar que:

“então eu hoje to com um cabelo que eu quero, do jeito que eu quero, então vai ter dia que ele vai tá preso, vai ter dia que ele vai tá com turbante, vai tá pro alto, mas hoje, de 2013 foi a ultima vez eu relaxei”

Superação que só foi possível, a partir do contato com maiores debates raciais, momento no qual suas personagens começaram a se aproximar de uma maior identificação com a negritude – esse contato expressa a apropriação do conhecimento frente aos novos sentidos, já mencionado, caracterizando a mesmidade. É compreensível, em nossa estrutura social, o distanciamento do indivíduo negro de sua negritude, pois dificilmente ele aceitará e internalizará para si, aquilo que é socialmente rejeitado e que, portanto, também rejeita. Com isso, ao fazer um recorte de gênero e retomando as vivências das personagens de Marielle em sua articulação com a negritude temos que, para ela:

“Nós mulheres, principalmente nós mulheres negras, estamos na base da pirâmide. Nós recebemos menos” (FRANCO, 2017, 6:20 min)

Destaca também:

“Nós mulheres estamos expostas às mais diversas formas de violência, e aí, principalmente nós mulheres negras, e aí fico feliz dessa composição dessa mesa no qual nós cada vez mais estamos ocupando esse espaço, fico feliz de olhar e ver que há mulheres negras aqui presentes, no lugar onde a gente não

pode ficar só na base da pirâmide ou apenas estatísticas que também é uma forma de violência colocada pelo IPEA, pelo IBGE. Nós recebemos menos, nós temos menos acesso economicamente, logo, nós rompemos menos com o ciclo da violência.” (FIOCRUZ, 2017, 15:41 min).

Ressaltando mais uma vez o lugar em que a mulher negra é colocada e o quanto esses lugares implicam o processo emancipatório dessas mulheres.

“Infelizmente a gente ainda tá num tempo, hoje, que retorna ou mantém, ou ameaça, inclusive chamando isso de mimimi, secundarizando, chamando isso de vitimização. Não é à toa que a gente precisa ampliar cada vez essa temática, seja com fundamental, com escola, seja com graduação, seja nas falas de plenário, seja na sociedade civil, seja na disputa com as novas mídias, pra compreender que tem um processo de débito, que principalmente o Estado e a sociedade tem com a população negra.”

Nos fragmentos expostos, nota-se que Marielle ao falar de “nós”, fala também de si, expressando o singular que se materializa no universal. É expressivo em sua fala, o lugar em que a mulher negra ocupa em nossa sociedade, inclusive ela própria. As constantes reivindicações pelos seus direitos, é a prova do quanto eles são negligenciados, de como essas mulheres são constantemente violentadas. Tal violência não é de hoje e muito tem a ver com a estrutura machista em nosso país. A mulher negra foi inserida em uma condição de submissão, ela estava aqui para servir ao homem, naquela época, ao homem branco. Não muito diferente do período da escravidão, nos dias atuais, à mulher negra ainda é imposto esse papel. Sabe-se que essas mulheres eram exploradas de todas as formas possíveis, inclusive diferenciava-se àquelas que serviam para o trabalho braçal daquelas que serviam para satisfazer as vontades sexuais dos senhores que as escravizam – lê-se este último como estupro.

Na trajetória de Marielle é possível observar o surgimento dessas personagens, construídas e vivenciadas a partir do que é socialmente imposto. É comum a reprodução de papéis, do contrário, quais papéis elas ocupariam em uma sociedade que rejeita o feminino e a negritude? É fundamental levar esses aspectos em consideração, pois eles irão se configurar nas identidades dessas pessoas. Neste momento, cabe ressaltar os significantes que são atrelados ao conceito do que é ser uma mulher negra. Como já mencionado, alguns estereótipos já estão ligados a ela,

não só no âmbito simbólico dos significados, mas também no real, na vivência diária das opressões

“Imagina que o estigma da favelada já era: ou você vai ser mulher de bandido ou você vai ser bandido ou você vai cometer delitos” (RIO, 2018, 01:15 min).

Diante disso, esses mesmos aspectos que oprimem, fazem com que essas mulheres busquem à utópica libertação – refiro-me a uma libertação utópica, pois entendo que toda uma estrutura precisa ser alterada, de dentro para fora, para que essas opressões sejam cessadas, o que não significa que não deva existir luta, pois sem elas, sucumbiríamos à total exclusão, dando aos opressores o que eles de fato desejam: o extermínio daqueles que os incomodam. É justamente isso, que caracteriza, simbólica e concretamente, a luta das diversas personagens que constituem Marielle, pela garantia do direito de mulheres negras, o que também significaria a garantia dos seus próprios direitos e validaria, de certa forma, seu lugar enquanto mulher na política, que é uma posição de poder – temos mais uma vez, a constante reivindicação de seu lugar, nos lembrando que a autonomia e emancipação não são dadas de forma permanente.

5.4 MARIELLE E O SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO

5.4.1 Identidade

O movimento em busca de uma “validação”, infelizmente, não é incomum tratando-se de pessoas negras, que há tempos são rejeitadas em nossa sociedade. Em suas falas, Marielle não expressa nitidamente essa necessidade, mas diferentemente da branquitude, ela precisa se posicionar e reafirmar com frequência de onde veio e do local em que fala: mulher, negra e favelada, ressignificando essas três personagens que se articulam nas suas vivências. Ressignificando para si, para que o que outro possa também ressignificar. Lembrando que, de acordo com Ciampa (2001) o indivíduo se reconhece, a partir do momento em que pelo outro também é reconhecido. Se pensarmos naqueles que são excluídos, portanto, não percebidos, o movimento acaba sendo o contrário, pois buscam se afirmar, se posicionar, se mostrar, para que o outro o veja e assim os reconheçam pelo que são, neste movimento de inclusão e não mais de exclusão.

Neste momento, é necessário retomar que, de acordo com Ciampa (1987 *apud* Almeida, 2017) a identidade é percebida como metamorfose em busca de

emancipação, formando o sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Diante disso, o que acontece com Marielle é um processo reconhecimento de si, de tomada de consciência daquilo que é e do lugar que ocupa na sociedade, o que inclui os significantes para este lugar.

“Me reivindico enquanto favelada, exponho isso e converso isso com a Luyara também hoje na adolescência, na Maré, pra entender o que que é esse papel de favelada pra além dos estigmas que estão colocados.” (NINJA, 2016, 0:53 min)

Neste momento, Marielle articula sua vivência com a de sua filha, estendendo para o universal, suas experiências particulares, pois nele as identificações se concretizam e estruturam um possível caminho emancipatório. Desse modo, a partir do momento em que se compreende essa identidade, é possível compreender a relação que é estabelecida com seu meio social, o que inclui suas personagens e quais as condições que limitam sua busca por emancipação, para assim, buscar os meios para supera-la.

5.4.2 Metamorfose

Para Ciampa (2009 *apud* Filho e Santos, 2017), a identidade humana é percebida como metamorfose, levando em consideração a importância da relação dialética com o meio para construção identitária de um indivíduo. Além disso, acredita-se que o processo metamórfico é impulso para transformações, possibilitando a emancipação do sujeito. Desse modo, essa relação dialética é composta por contradições em todo processo, por constantes construções e desconstruções que são vivenciadas por suas personagens, as quais na trajetória de Marielle articulam-se e que são imprescindíveis para a estruturação quem estava *sendo*:

“Eu fui garota furacão, mas também brigava no baile. Adorava e conto isso com orgulho porque fez parte dessas contradições dessa adolescente que morou na Maré, de quem eu sou.

Além disso, expressa de quais contradições estava falando:

“Sem dúvida, tinha todo debate da questão da identidade negra e um processo de afirmação, de auto reconhecimento, debate da negritude, que eu não tenho a menor vergonha de falar assim. Não era algo que tava colocado desde o início, é obvio que eu sabia que eu era uma mulher e depois eu fui me

identificando que eu era uma mulher negra, mas isso não tava colocado desde o primeiro momento.” (CHRISTINA & FALCÃO, 2017, 02:16 min)

Exatamente por essa condição metamórfica, que para sua personagem, é possibilitada a vivência de tantas outras, como Marielle mesmo nos traz:

“é obvio que eu sabia que eu era uma mulher e depois eu fui me identificando que eu era uma mulher negra”

Os debates são colocados em pautas à medida que Marielle se apropria de sua condição enquanto mulher negra, enquanto sujeito de direito, pertencente há um espaço e a uma ordem social. Marielle, reconhece, portanto, que sua própria identidade é constituída de contradições.

“Total, super contradições que vai compondo essa miscelânia Marielle de ser.” (NINJA, 2016, 2:36 min)

Um aspecto interessante que aparece em ambas as falas de Marielle, é o conceito de “contradição”. Por contradição, entende-se aquilo que se discorda, que pode vir a ser incoerente, que se contrapõe a algo anteriormente posto. Ao fazer uma comparação com o conceito de metamorfose, proposto por Ciampa (2001), é observar a semelhança que em ambos os conceitos, o que está em jogo é o movimento das coisas. A metamorfose explicita a transformação, a mudança do que era e já não é. As contradições, as diversas personagens que caracterizam Marielle, não necessariamente são lineares, como a própria explicita ao dizer “contradições que vai compondo essa miscelânia Marielle de ser”. Dito isto, pode-se entender as diferentes personagens que se transformam e se articulam entre si no seu processo identitário. Como destaca, o debate racial não era algo posto deste o início, embora fosse uma mulher negra, oprimida tanto pela cor, quanto pelo gênero e pelo lugar de favelada que ocupava. Entretanto, devido ao fato de que a metamorfose é caracterizada por não ser algo estático, Marielle tem a possibilidade de, posteriormente, se identificar, de se reconhecer e se sentir pertencente a um grupo, a uma classe e a um espaço pelo qual irá reivindicar em seu movimento emancipatório.

5.4.3 Emancipação

“Eu tenho falado cada vez mais que a gente precisa ter o feminismo da vida cotidiana. Eu peguei uma geração, no meu período de pré vestibular, que lá atrás a gente, eu já usava MULHERAÇA e MULHER RAÇA no nick do msn. Na

minha época do pre vestibular, lá atrás, a gente tinha um grupo que chamava 'Mulheres de atitude' e fazia assim, mulheres que estavam falando sobre consciência negra, sobre meio ambiente, que davam aula no pre e eu usava o nick do msn de Mulher RAÇA, seja porque aquilo tinha RAÇA de uma relação racial, que eu fui me entendendo mais enquanto mulher negra ao longo do processo e de raça de disposição, da marra mesmo, do lugar da favela. Então a gente vai, eu vou começando a me construir nesse lugar de um feminismo. Eu não falava sobre o feminismo negro, por exemplo, eu vim entender feminismo negro, aprofundar sobre feminismo negro agora, coisa de menos 5 anos pra cá. Minha época da graduação, sempre me reivindiquei como favelada, por exemplo, enquanto feminista, mas entender as especificidades que traziam o debate por exemplo da Simone de Beauvoir, da autonomia do corpo, mas que essas especificidades que eu falei, que tem que trazer pra vida cotidiana, eu só tava entendendo ela, quando eu fui mãe adolescente, quando a minha filha começou a crescer, quando eu vim entendendo que ser mulher e tá na favela era você ser revistada também, diferente do que a mulher do asfalto e eu não gosto de colocar esse lugar da hierarquia, mas precisa de uma compreensão que tem lugares de diferenciados, que a minha vida quando eu to passando na tijuca é uma e a minha vida quando eu to passando na vila do joão, no conjunto esperança, ela é outra.” (BARCELLOS, 2018, 0:38 min)

Este último fragmento sintetiza bem o que foi exposto até o momento. É a exemplificação nítida da articulação de suas personagens. Em um primeiro momento, temos a mulher que nasce na favela, que é mãe na adolescência, que começa a entender o estigma sobre seu corpo ao passo em que compreende sua identidade e o que está atrelado a ela. Em um segundo momento, temos os empasses presentes na busca por uma autonomia, quando percebe as limitações que cerceiam o corpo negro de uma mulher favelada. Exemplifica, ainda, como uma mesma opressão atravessa de formas distintas o corpo de uma pessoa ou de uma classe.

Além disso, é perceptível como se dá o seu processo de constituição identitária, como ocorre as construções e desconstruções de suas personagens e como elas se alinham. Desse modo, nota-se como a formação de sua identidade é afetada pelo contexto em que está inserida, e por contexto, refiro-me a um tempo, um espaço e todas as relações envolvidas, pois como mencionado anteriormente, para Ciampa, a constituição identitária ocorre a partir de uma relação dialética estabelecida com o meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar uma linha imaginária, passando pelo período da escravidão até os dias atuais, será perceptível um movimento que favorece o silenciamento da população negra e o apagamento de sua trajetória. Observa-se como ainda se perpetua essa lógica. Nas escolas, por exemplo, pouco se fala sobre os negros, sobre suas origens e suas histórias, o que se prega – e trago o verbo pregar, bem próximo ao religioso, porque é justamente esse o intuito, uma aproximação à colonização, é o imaginário do branco detentor de um poder e de um saber absoluto, enquanto àqueles que se distanciam desse padrão branco-normativo, devem estar submissos à estes senhores. É possível perceber aqui, a lógica semelhante ao período escravocrata, anos se passaram desde o fim da escravidão, mas seus fantasmas ainda assombram os negros em nosso país. Diante disso, o assassinato de Marielle Franco concretiza o incomodo causado pela mulher negra e favelada ocupando outros espaços que não aqueles impostos pela camada branca dominante.

Marielle Franco representava para a camada dominante, tudo o que eles negavam na sociedade: a mulher, a negritude, a pobreza e a favela, a partir do momento em que essas quatro realidades se configuram em uma única mulher que, destruindo estatísticas, consegue criar uma filha na adolescência, chegar a uma universidade majoritariamente branca, ter acesso e proporcionar acesso à educação, promover debates e se vincular com movimentos sociais, toda a estrutura estremece e precisa ser revista, porque uma mulher negra estava chegando ao poder. Com isso, percebe-se o incomodo de uma figura que não mais aceitava ser silenciada e fazia com que sua voz fosse ouvida.

A tentativa, então, foi silenciá-la de vez, partindo do simbólico para o ato concreto do assassinato de mais uma mulher negra na nossa sociedade. Entretanto, têm-se cada vez mais um movimento rumo à emancipação das camadas que são oprimidas e Marielle, ainda em vida, teve um papel importante nesse processo. Ela não foi silenciada, ela foi morta. Diante disso, destacamos que suas personagens e suas constantes construções e desconstruções têm significativa importância para os processos emancipatórios de tantas outras mulheres negras em nosso país. Nesse sentido, trago à luz, a necessidade da representatividade e das identificações coletivas para aquilo que Ciampa propõe no sintagma identidade-emancipação-metamorfose.

Podemos considerar, portanto, a partir da trajetória de Marielle Franco, os empasses de uma mulher negra rumo à autonomia e emancipação, assim como os mecanismos para superá-los. Diante disso, é importante retomar que o processo de autonomia e emancipação, de acordo com Almeida (2017), são necessários para evitar o aniquilamento social. Entretanto, ao levar em consideração que a sociedade brasileira é estruturada sobre um alicerce patriarcal e escravocrata, que visa a dominação, sustentado pela lógica capitalista, nota-se a prevalência de uma não emancipação ou pelo menos de um processo tardio em direção a ela. Isso ocorre devido ao fato de as mulheres negras estarem fadadas a um imaginário social pré-estabelecido, levando em conta todo o contexto em que o negro foi inserido no país e as sequelas presentes na identidade de cada sujeito, as quais se apresentam no que Ciampa (2001 *apud* Junior; Lara, 2017) chamam de “fetiche da personagem”.

Tal configuração impede o processo emancipatório, impedindo também a concretização da significação e identificação dessas mulheres. Lembrando que, é como se houvesse a identificação de si, mas não a ação para si. É importante destacar que essa condição é consequência de um agir social. Entretanto, outro aspecto é explícito na trajetória de Marielle, a qual supera essa mesmice – conceito qual, segundo Ciampa (2009 *apud* Filho e Santos, 2017) diz respeito à não emancipação, e movimenta-se rumo à mesmidade, que é considerada, pelos autores, como a apropriação de novos sentidos, caracterizada pela metamorfose e de novas significações, materializando-se na própria bagagem de vida do sujeito, na qual há a coexistência de personagens, os quais articulam-se entre si nesse processo transitório e metamórfico que é a constituição identitária. Diante disso, há o reconhecimento de suas personagens, a apropriação do que se é.

Diferentemente da mesmice, como descrevem os referidos autores, na mesmidade há a ação para si. Além disso, no que se refere à emancipação, é só observamos todo o processo de Marielle, suas personagens, como ela as vivencia e como transita desde o nascimento na favela até o momento em que é eleita vereadora, observando também como aceita suas identidades, se apropriando delas.

Com isso, a análise da trajetória de Marielle Franco possibilita a compreensão dos processos emancipatórios de outras mulheres negras, levando em consideração que, apesar dos devidos recortes e do entendimento da singularidade de cada pessoa, a estrutura racista e patriarcal na qual estamos inseridos é a mesma, ela só afeta de

formas distintas todas as pessoas negras. Diante disso, é ilusório achar que não há impacto na identidade dessas mulheres, se levamos em conta todo processo de negação, culpa, o complexo de inferioridade, o processo de embranquecimento para uma falsa aceitação em uma sociedade branco-normativa que, na realidade, apenas tolera pessoas não-brancas. Tudo isso se desdobra violentamente sobre o corpo e o psiquismo dessas pessoas, as quais nem sempre têm acesso à debates, informações e ressignificações, como foi o caso de Marielle.

É importante enfatizar também que o indivíduo é caracterizado pela sua capacidade de superação, a qual chamamos aqui de emancipação – e nem todas tem a mesma trajetória e a mesma possibilidade de emancipar-se em uma sociedade que continua todos os dias silenciando e negligenciando essas mulheres. Concluo, por fim, que é de demasia importância a representatividade e a ocupação de mulheres negras nos espaços, pois a partir do momento em que é um indivíduo consegue se enxergar no outro, ele também consegue se enxergar em si próprio.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria Jungueira. Consciência e atividade: Categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia Socio-Historica: uma perspectiva critica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 95-109.
- AGUIAR, Wanda Maria Jungueira. **Reflexões a partir da Psicologia Sócio Histórica sobre a categoria “Consciência”**. São Paulo. Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 125-142, 2000.
- ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. **IDENTIDADE E EMANCIPAÇÃO**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 29, e170998, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100403&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2020. Epub 18-Dez-2017.
- ALVES, Cecília Pescatore. **Quem sou eu? O processo de identidade de uma jovem adolescente**. Taubaté, Cabral Editora Universitária, 1997, 2ed.
- BARCELLOS, F. **Marielle Franco Trechos inéditos**. 2018. Acesso em 26 de julho de 2020, disponível em Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Yunfq9TAC0w&list=PLyaBvpXVAUNqRHTACAJEPEux8cpjzmR76&index=2&t=0s>.
- CAMPOS, Alessandro Oliveira. **METAMORFOSE HUMANA E MEMÓRIA**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v.29, e172075, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100413&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 set. 2020. Epub 18-Dez-2017.
- CARDOSO, Cláudia Pons. **A construção da identidade feminista negra: experiências de mulheres negras brasileiras**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro; Takano Editora, 2003
- CARVALHO, Eliane Paula de. **A Identidade da Mulher Negra através do cabelo**. 2015. 61 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação para as Relações Étnico-raciais. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estoria do Severino e a Historia da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

- CHRISTINA, M., & Falcão, Y. **BATE-PAPO COM MARIELLE FRANCO - parte 1.** 2017 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=swKLU6ZI5MI&list=PLyaBvpXVAUNqRHTACAJEPeux8cpjzmR76&index=2> Acesso em 27 de julho de 2020.
- CRIOLA, Geledés Instituto da Mulher Negra e. **A situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil: violências e violações.** 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/situacao-dos-direitos-humanos-das-mulheres-negras-no-brasil-violencias-e-violacoes/>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- DE ABREU, Waldir Ferreira. **História de vida como metodologia de pesquisa: O relato de vida de um menino de rua da praça da república em Belém do Pará.** Revista Margens Interdisciplinar. V1, n. 2, p. 41-55, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2849>. Acesso em 11 abr. 2020.
- DOSSIÊ mulheres negras: **retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil** / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes et al.- Brasília: Ipea, 2013.
- DOS REIS, Eneida de Almeida. **Mulato: Negro-não-Negro e/ou Branco-não-Branco.** São Paulo/SP: Editora Altana, 2002. (Coleção Identidades).
- ESTATÍSTICAS DE GÊNERO: Indicadores sociais das Mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: Ibge, v. 38, 2018.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção.** São Paulo: Pallas/fapesp, 2009.
- FIOCRUZ, Ensp. **Violência contra a mulher em debate na ENSP – Marielle Franco** 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T3bfXL4xR4g> Acesso em 28 de julho de 2020.
- FRANCO, Marielle. **Marielle na câmara – 08/03/2017 – Dia Internacional da Mulher** 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=87efEULrUTQ> Acesso em 28 de julho de 2020.
- GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. **Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa.** Rev. bras. psicodrama, São Paulo , v. 26, n. 1, p. 18-30, jun. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932018000100003&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 abr. 2020.
- IBGE. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.
- IBGE. **SOMOS TODOS IGUAIS? o que dizem as estatísticas.** Rio de Janeiro, 2018.

LARA JUNIOR, Nadir; LARA, Andrea Paula Santos. **IDENTIDADE: COLONIZAÇÃO DO MUNDO DA VIDA E OS DESAFIOS PARA A EMANCIPAÇÃO**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 29, e171283, 2017. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100406&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 set. 2020. Epub 18-Dez-2017.

MEDEIROS, Camila Pinheiro. **Mulheres Negras: racismo, identidade e discurso étnico**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

MOTTA, Tarcísio. **Bate-papo com Tarcísio – Talíria e Marielle**. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y-IIO0aZQp8&list=PLyaBvpXVAUNqRHTACAJEPeux8cpjzmR76&index=2&t=203s>

Acesso em 28 de julho de 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NINJA, Mídia. **Marielle Franco | Voto vivo**. 2016., disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=m-4ZZ6COygg>> Acesso em 27 de julho de 2020

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. Psicol. USP, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, Mar. 2006.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100007&lng=en&nrm=iso> acesso em 15 abr. 2020..

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **IGREJA E ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL COLONIAL**. Rio de Janeiro: Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas, v. 10, n. 18, jul. 2007.

PEDROTTI, Allane de Souza. Transgressões ao estigma de mulher negra e projeções de um self ressignificado. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 61-78, maioago/2019.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS, Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. 44 p.

RIO, TV PUC. **TV PUC-RIO: Marielle Franco – mãe, mulher, militante**. 2018.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=B-YOrldf8rY&list=PLyaBvpXVAUNqRHTACAJEPeux8cpjzmR76&index=16>> Acesso em 25 de julho de 2020

ROCHA, Décio; DEUSDARA, Bruno. **Análise de conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno**. DELTA, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 29-52, 2006.

Disponível

em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502006000100002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 11 Abr. 2020

SILVA, Anna Beatriz do Nascimento. **O impacto do colorismo no feminismo negro do Brasil**. Caderno: Humanidades em perspectivas. v. 4 n. 2, 2018.

SOUZA FILHO, José Alves de; SANTOS, Beatriz Oliveira. O SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O CONSTRUTO MUNDO DA VIDA. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 29, e170491, 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100401&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 set. 2020. Epub 18-Dez-2017.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

UERJ, IESP. 3 Seminário Feminista IESP-UERJ 2017: Marielle Franco (12/05/2017). 2018. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=CtxvBunnMeA>>. Acesso em 27 de julho de 2020.